



**Luzinete da Silva Mussi**  
(organizadora)

# **Docência: Práticas e Teorias**

Coletânea de trabalhos em Educação.



# Docência: Práticas e Teorias

## **Organizadora:**

Luzinete da Silva Mussi

## **Autores:**

Adriana Alexandre Brito

Ana Paula Maciel da Silva

Andreia Rodrigues Viana Silva

Ângela Vera Moreira da Silva

Cristiane Pelinson

Diana Parizotto Vicelli

Evina Cristina da Silva Santos

Graciele Ferreira Limas

Janete Maciel Teixeira

Léo Ricardo Mussi

Liliane Horas Alves

Marcia Regina Rocha

Maria de Fátima Duarte Souza

Mirian dos Santos Jungles

Odinei Barpi

Poliana de Sousa Rodrigues

Sandra Aparecida Marcari Barreto

Solange Moreira

Suely Ribeiro



Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa do autor (art. 184 do Código Penal e Lei no 9.610, de 19 de fevereiro de 1998).

Editoração / Capa: Instituto Saber

Organizadora: MUSSI, Luzinete da Silva.

Autores: ALVES, Liliane Horas; BARPI, Odinei; BARRETO, Sandra Aparecida Marcari; BRITO, Adriana Alexandre; JUNGLES, Mirian dos Santos; LIMAS, Graciele Ferreira; MOREIRA, Solange; MUSSI, Léo Ricardo; PELINSON, Cristiane; RIBEIRO, Suely; ROCHA, Marcia Regina; RODRIGUES, Poliana de Sousa; SANTOS, Evina Cristina da Silva; SILVA, Ana Paula Maciel da; SILVA, Andreia Rodrigues Viana; SILVA, Ângela Vera Moreira da; SOUZA, Maria de Fátima Duarte; TEIXEIRA, Janete Maciel; VICELLI, Diana Parizotto.

Docência: Práticas e Teorias. Organizadora: Luzinete da Silva Mussi. 1 ed. – Sinop-MT: Instituto Saber de Ciências Integradas, 2021.

82 p.

ISBN 978-65-87333-09-0

1.Educação. I. Título.

CDD – 370

Instituto Saber de Ciências Integradas

– Publicação de ebooks das mais variadas linhas editoriais:  
[www.isciweb.com.br/livros](http://www.isciweb.com.br/livros)

– Publicação de artigos científicos através de nossa Revista Científica  
Digital Multidisciplinar: [www.isciweb.com.br/revista](http://www.isciweb.com.br/revista)

Acesse!

Leia!

Publique!

### **Conselho editorial**

Prof.<sup>a</sup> Me. Luzinete da Silva Mussi (Editora-chefe)

Dr. Léo Ricardo Mussi

Prof. Especialista Lúcio Mussi Junior

## Sumário

CAPÍTULO I - ANÁLISE E DISCUSSÕES RELATIVAS A PRÁTICAS PEDAGÓGICAS (Marcia Regina Rocha; Léo Ricardo Mussi) .....	6
CAPÍTULO II: AS DIFICULDADES NO PROCESSO DE INCLUSÃO EDUCACIONAL (Adriana Alexandre Brito; Graciele Ferreira Limas; Maria de Fátima Duarte Souza; Mirian dos Santos Jungles; Poliana de Sousa Rodrigues)	17
CAPÍTULO III - BIBLIOTECA ESCOLAR COMO INCENTIVO À LEITURA (Ângela Vera Moreira da Silva; Diana Parizotto Vicelli; Liliane Horas Alves; Suely Ribeiro) .....	29
CAPÍTULO IV - GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA: PERSPECTIVAS E IMPLICAÇÕES (Sandra Aparecida Marcarí Barreto; Odinei Barpi) .....	36
CAPÍTULO V - DESENVOLVIMENTO MOTOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL (Ana Paula Maciel da Silva; Evina Cristina da Silva Santos; Cristiane Pelinson; Solange Moreira; Janete Maciel Teixeira).....	49
CAPÍTULO VI - OS JOGOS COMO ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS NA APRENDIZAGEM DE CONTEÚDOS MATEMÁTICOS (Andreia Rodrigues Viana Silva).....	63

**CAPÍTULO I - ANÁLISE E DISCUSSÕES RELATIVAS A PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS (MARCIA REGINA ROCHA; LÉO RICARDO MUSSI)**

## **ANÁLISE E DISCUSSÕES RELATIVAS A PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

Marcia Regina Rocha<sup>1</sup>

Léo Ricardo Mussi<sup>2</sup>

### **INTRODUÇÃO**

No presente trabalho serão analisadas e confrontadas três experiências pedagógicas hipotéticas de professores atuantes no Ensino Médio.

Busca-se analisar as metodologias, formas e estratégias de ensino utilizadas, bem como os possíveis resultados atingidos, como forma de enriquecimento da bagagem pedagógica por meio de reflexões relativas aos exemplos expostos.

### **DESENVOLVIMENTO**

A seguir são apresentadas as três situações hipotéticas a serem analisadas e discutidas no presente trabalho:

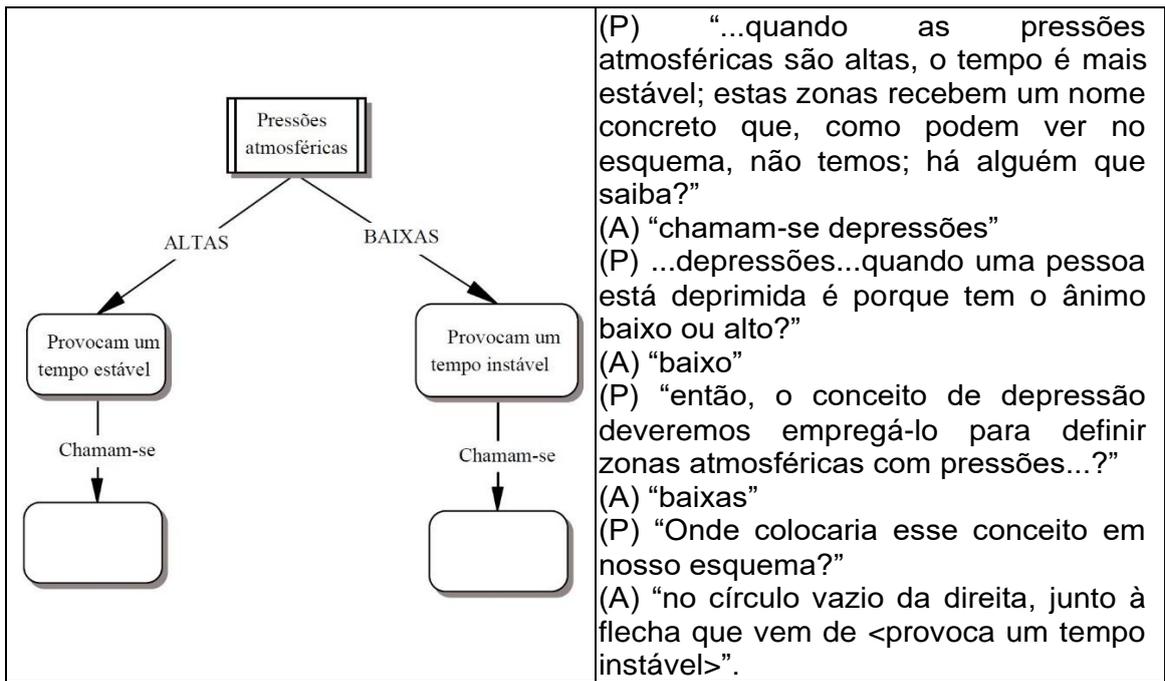
#### **PROFESSOR A**

Planejou com muito cuidado a aula, a partir de uma rede de conceitos que dispôs em uma transparência. Em uma aula prévia, fez algumas perguntas sobre o tema, identificando algumas noções relevantes como, por exemplo, anticiclone, depressão ou isóbara, que eram confusas, quando não erradas. Precisamente, na representação que fez, faltam estes conteúdos. Ao começar a sessão, explica cada uma das ramificações e quando chega a um "conceito vazio" para e inicia um diálogo com os alunos, tal como se pode ver seguidamente. Ao finalizar a unidade didática, e para avaliar seus alunos, apresenta uma rede de conceitos similar à trabalhada em aula e pede-lhes que a completem, tal como se apresenta a seguir.

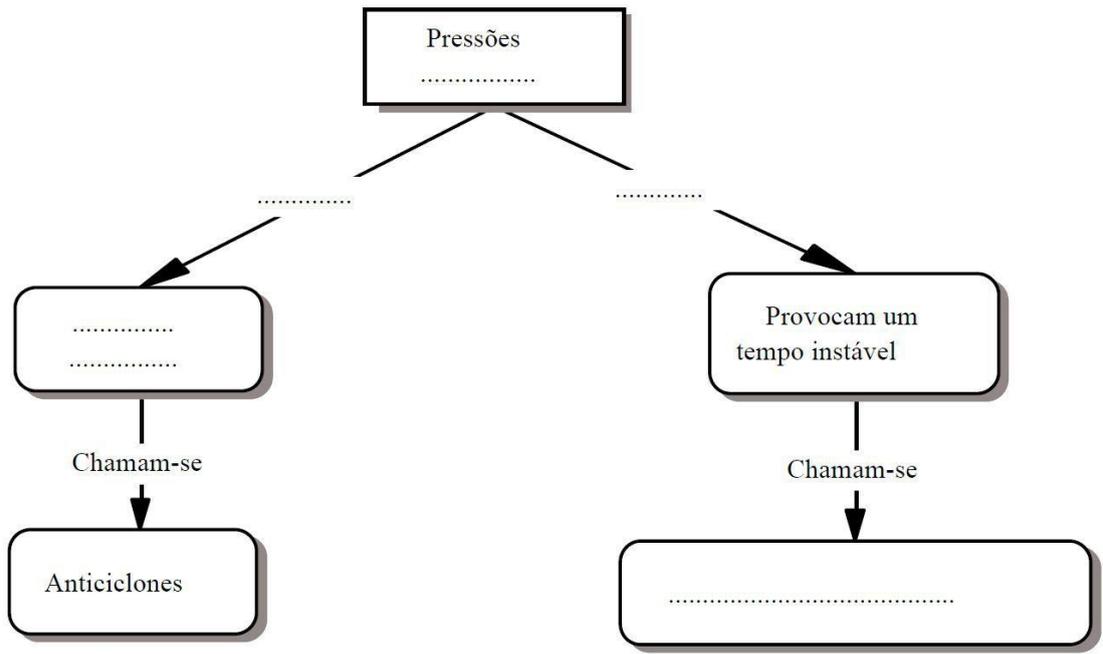
---

<sup>1</sup> Mestrando em Educação.

<sup>2</sup> Advogado e Psicanalista. Pós-Graduado em Docência do Ensino Superior e em Psicologia Clínica.  
Mestrando em Educação E-mail: leoricardobr@gmail.com



**Avaliação:** Completar o esquema seguinte com os conceitos e/ou relações que faltem.



**PROFESSOR B**

Também tratou de identificar, na aula anterior, o que sabiam seus alunos. Para fazê-lo, levou para a aula uma vídeo-gravação da seção "O tempo" de um telejornal, tirando o som na edição do vídeo. Os alunos tinham que escrever em seus apontamentos os comentários que supunham que ia fazendo "O homem do tempo" com base nas imagens do mapa meteorológico que apareciam na tela. Na aula do dia seguinte, pediu a alguns estudantes que elaborassem um mapa de conceitos no quadro, a partir das noções surgidas no vídeo do dia anterior, explicando, em voz alta e passo a passo, as reflexões que realizaram na hora de selecionar cada conceito para relacioná-lo graficamente com o resto. Uma vez finalizado o mapa, convida todos a identificar os diferentes passos que seguiram estes

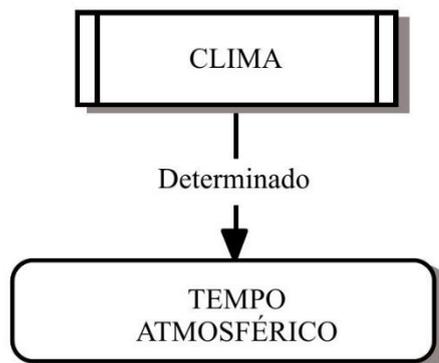
estudantes para construir sua representação. Durante esta reflexão, os alunos explicam e discutem cada uma das fases e as operações que identificaram e, junto com o professor, elaboram a pauta para elaborar mapas conceituais que se descreve a seguir.

Para avaliá-los, pede a eles que escutem as previsões do tempo, que façam um mapa de conceitos e que, a partir do mapa, tomem decisões sobre as condições de uma possível viagem à Extremadura.

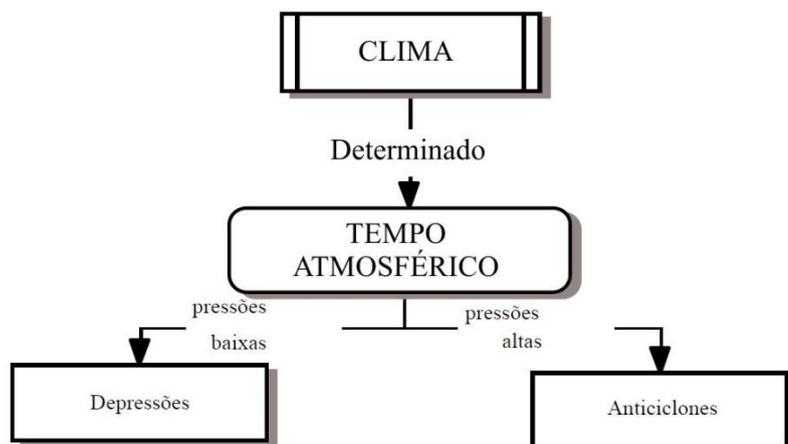
**Primeiro:** “Devem agrupar-se diferentes conceitos conforme sejam muito gerais, específicos ou muito específicos...”

Conceitos gerais	Conceitos específicos	Fatos (detalhes)
TEMPO ATMOSFÉRICO	Depressões	Vento Mistral
PRESSÃO ATMOSFÉRICA	Anticiclones	Mínimas de Extremadura
METEOROLOGIA	Temporais	Necessidade de Correntes no Porto de Pajares
CLIMA	Frente Fria	Dia ensolarado
TEMPERATURA	Precipitações	

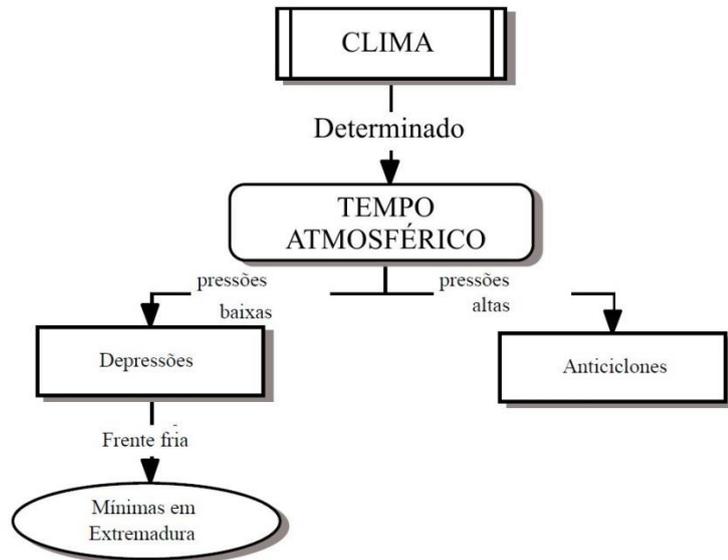
**Segundo:** “Buscar, dentro do primeiro grupo, um conceito que inclua o resto (por ex. o clima) e situar abaixo outros conceitos gerais, conectados com flechas. Escrever sobre cada flecha a ideia que relaciona cada par de conceitos...”



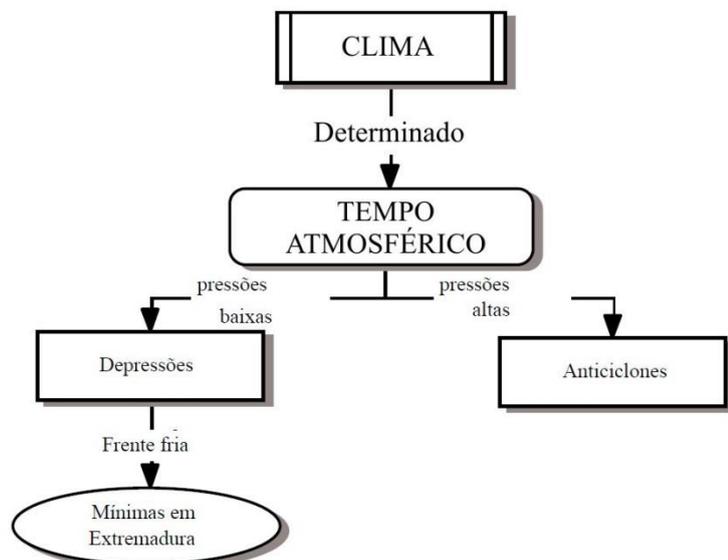
**Terceiro:** “Conectar o seguinte grupo de conceitos específicos com os conceitos anteriores, também mediante flechas e palavras-ligação...”



**Quarto:** Relacionar novamente o último grupo de fatos muito específicos com o grupo de conceitos anterior, da forma habitual.



**Quinto:** A seguir, vou dividi-los em grupos de três (misturar nos grupos alunos de alto e baixo rendimento) e quero que introduzam no mapa estes novos conceitos: TEMPERATURA, BORRASCAS e DIA ENSOLARADO. Não se esqueçam de escrever as palavras que ligam dois conceitos. Em seguida, deverão argumentar vossas decisões.



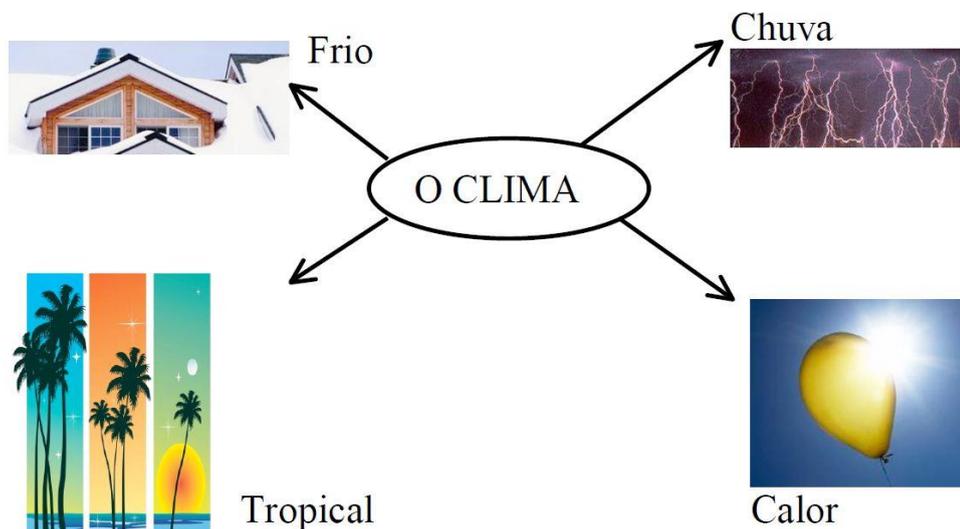
**AValiação:** Escute este vídeo com as previsões do homem do tempo para o próximo fim de semana em Extremadura e elabore um mapa de conceitos a partir de suas explicações. Depois, pensando que você quer viajar para esta cidade, decida: Que roupa você levará? O que colocará em sua mala? Que meio de locomoção utilizará preferivelmente? Que atividades você realizará pela manhã? E pela tarde?  
**¡ARGUMENTE SUAS RESPOSTAS!**

### PROFESSOR C

Em uma aula anterior, o professor pediu a seus alunos que trouxessem de casa todos os mapas, artigos e gráficos sobre o tempo atmosférico e a meteorologia que encontrassem em revistas e jornais.

Na aula correspondente, divide os alunos em pequenos grupos de 4 ou 5, ao acaso, e pede que organizem toda a informação que trouxeram, recortando textos e gráficos e pendurando-os em um jornal mural, a partir de alguma classificação que seja clara para eles. O professor espera que os alunos agrupem o material em categorias como bom tempo, mau tempo, catástrofes atmosféricas, variáveis que afetam a mudança climática, etc., etc.

Uma vez que cada grupo tenha feito seu mural, deve pendurá-lo nas paredes da sala. Em seguida, todos os grupos vão passando por cada mural, enquanto o professor os convida a que façam comentários e perguntas. O professor (P) também participa, como se mostra no esquema da atividade que se apresenta a seguir. Finalmente, convida cada grupo a avaliar seu próprio trabalho.



- (P) "Creem que no seu mural estão os principais conceitos relacionados com o clima atmosférico? Que relação existe entre clima e temperatura? Onde colocariam a noção de anticiclone?... Alguém quer perguntar algo aos colegas?"

Lembre-se de relacionar sua reflexão com o conteúdo da disciplina e mencionar autores e referências bibliográficas para fundamentar sua análise.

### ANÁLISE

Imaginado o ponto que cada um dos professores das situações acima apresentadas considera mais importante no sentido de fazer com que seu aluno aprenda, é possível perceber que, antes de tudo, devemos partir da premissa de que cada profissional da educação é único e tem as suas singularidades, abordagens e metodologias, compreendendo que os pensamentos, as ações e os processos formativos não ocorrem de maneira homogênea. Sendo assim, da mesma forma que

devemos pensar as subjetividades dos alunos, não é possível falar de prática docente de maneira uniforme e com um padrão universal, o que leva a crer que cada educador tem suas práticas formadas com base em aprendizagens e experiências diversas ao longo de sua trajetória, visto que, segundo TARDIF (2000): “Falar de prática docente em sala de aula é falar de um saber-fazer do professor repleto de nuances e de significados. Implica falar que os professores possuem saberes profissionais cheios de pluralidade”.

Com relação ao Professor A, percebe-se que o mesmo planejou a aula com muito cuidado, explicando o conteúdo de forma clara e objetiva, permitindo a interação dos estudantes de forma breve e direcionada. Apesar da tentativa de se aproximar com os conhecimentos prévios dos estudantes, sua prática está no campo das tendências liberais, em especial a tradicional, principalmente porque acaba que a verdade apresentada pelo professor é a única, resultando em uma avaliação de caráter e processo mecânico e repetitivo, ou seja, a aula planejada não teve o intuito de instigar os estudantes de modo a produzirem suas hipóteses. Desse modo, ele responderia que o importante é intensificar as aulas expositivas de modo que os alunos memorizem os conteúdos.

SANTOS (2006), menciona que:

A pedagogia tradicional tinha como metodologia encher os indivíduos de novas informações, de novos conhecimentos, seguindo uma teoria pedagógica de métodos, os quais consideram apenas a assimilação e a transmissão de conteúdos. Para esse processo, a educação era voltada para o professor como figura central, pois ele era quem possuía o conhecimento, apesar de que esse educador não necessitava de muitas informações, apenas o essencial para a transmissão. O aluno era um mero receptor que escutava e reproduzia as informações do professor, que era a autoridade da escola.

Por sua vez, o Professor B, é notável que o mesmo planejou muito detalhadamente cada ponto da aula, antes, durante e depois, apresentando conteúdos que instigam, que requeriam atenção e busca por parte dos estudantes para a compreensão total. Percebe-se que o mesmo tem uma prática no campo das tendências liberais, em especial a renovada não-diretiva, já que é possível perceber uma preocupação com o estudante, em seus aspectos singulares de desenvolvimento pessoal, mas de autoconhecimento e autonomia frente aos saberes, onde o professor conduz com poucas interferências. Desse modo, ele responderia que é importante atividades instigantes e reflexivas que possibilitem o

despertar pela busca ao conhecimento no estudante, sendo o professor um suporte em todo o processo de ensino-aprendizagem.

Segundo SILVA (2018):

Acentua-se, nessa tendência, o papel da escola na formação de atitudes, razão pela qual deve estar mais preocupada com os problemas psicológicos do que com os pedagógicos ou sociais. Todo o esforço deve visar a uma mudança dentro do indivíduo, ou seja, a uma adequação pessoal às solicitações do ambiente. Aprender é modificar suas próprias percepções. Apenas se aprende o que estiver significativamente relacionado com essas percepções. A retenção se dá pela relevância do aprendido em relação ao “eu”, o que torna a avaliação escolar sem sentido, privilegiando-se a auto-avaliação. Trata-se de um ensino centrado no aluno, sendo o professor apenas um facilitador.

Já o Professor C planejou uma aula visando uma autonomia para a organização e apresentação de conteúdos por parte dos estudantes, instigando-os no processo de organização e desenvolvimento, Tal prática está no campo das tendências progressistas, em especial a libertária, já que há uma busca, ainda que discretamente pela transformação da mentalidade dos estudantes, de modo que eles consigam se autogestionar no processo de aquisição do conhecimento. Esta tendência tem um pressuposto de que a prática, a experiência, o fato de vivenciar, contribui muito para a sistematização do saber, de forma que incentiva a livre expressão, o contexto cultural e a educação estética. Ainda que os conteúdos sejam disponibilizados, não são exigidos pelos alunos e o professor é tido como um orientador/instigador do processo de ensino-aprendizagem.

Segundo SILVA (2018):

A escola progressista libertária parte do pressuposto de que somente o vivido pelo educando é incorporado e utilizado em situações novas, por isso o saber sistematizado só terá relevância se for possível seu uso prático. A ênfase na aprendizagem informal, via grupo, e a negação de toda forma de repressão, visam a favorecer o desenvolvimento de pessoas mais livres.

Com relação à compreensão dos professores das práticas exemplificadas sobre as formas pedagógicas de ampliar a compreensão do conteúdo por parte dos estudantes, temos que, cada um com suas convicções, dependendo da disposição para reflexão a partir do diálogo, o Professor A certamente responderia que é preciso que os alunos prestem atenção nas aulas e se esforcem, pois o conteúdo é apresentado de forma clara e objetiva, cabendo a eles a aprendizagem de qualquer forma. O Professor B, por sua vez, diria que acredita na capacidade dos estudantes e que eles precisam ser instigados para que possam potencializar os conhecimentos

e habilidades, de modo a se desenvolverem plenamente com o mínimo de interferência possível, de tal modo que a compreensão dos conteúdos se daria de forma natural pelo próprio processo de busca dos educandos. Já o Professor C diria que é importante o processo da busca e que os estudantes saibam refletir e apresentar os resultados de suas pesquisas, onde a compreensão do conteúdo se dará no processo de investigação, reflexão, debate, apresentando as hipóteses, errando e repensando, ficando o professor como um suporte, dando as ferramentas necessárias para a compreensão dos conteúdos pelos próprios alunos em apoio mútuo com os pares.

Já no que se refere à aprendizagem cooperativa, pode ser observado que o professor A possui uma metodologia de aula mais centrada na exposição, embora traga a interação para o trabalho com os alunos, o nível de cooperação entre este e o docente é baixo, se limitando a diálogos durante a apresentação do conteúdo e dos conceitos. As atividades cooperativas entre os próprios alunos são praticamente inexistentes.

Esse professor faz uso de metodologias mais clássicas, e não explora todo o potencial de aprendizagem através do trabalho cooperativo, podendo prejudicar a aprendizagem significativa (relacionada com o saber efetivo dos conceitos apresentados, fugindo da mera memorização).

Por sua vez, o professor B utiliza a metodologia cooperativa como complemento de sua aula e para o auxílio de fixação dos conteúdos apresentados. Este docente demonstra enxergar a importância desta metodologia para a aprendizagem significativa, auxiliando os alunos a não apenas memorizar, mas efetivamente aprender os conceitos trabalhados em sala.

A união de técnicas utilizadas pelo professor, pode inteligentemente alcançar vários alunos que se identifiquem com diversas metodologias de aprendizagem, auxiliando na fixação do conteúdo. Ademais, sua metodologia de avaliação não direta e por meio de questões abertas, comendo mais liberdade para as resoluções, traz uma gama de respostas que permite ao docente avaliar de maneira muito mais adequada a subjetividade dos alunos.

Abordando a metodologia do professor C, nota-se sua extrema confiança no método cooperativo de trabalho, visto ser praticamente a única metodologia utilizada por este. O fato de incentivar os alunos ao debate deve ser elogiado. Com a

interferência do professor, tais debates são fantásticas ferramentas na construção do conhecimento por parte do aluno.

Ao fazer de forma guiada com que o próprio aluno alcance as respostas e conhecimentos que deve adquirir, a construção deste se torna muito mais sólida, trabalhando também muitas outras habilidades, até mesmo sociais como a oratória. A metodologia avaliativa utilizada pelo professor é também aberta, incentivando a interação entre discentes até mesmo na etapa de avaliação.

Partindo-se do ponto de vista demonstrando por cada um dos professores hipotéticos, no tocante à melhoria das práticas utilizadas em sala de aula, o professor A, faria a recomendação de maior utilização das ferramentas cooperativas em sala, de forma a permitir que os alunos alcancem uma maior fixação do conteúdo trabalhado através de suas interações, além é claro de trabalhar a independência dos alunos, de modo a ensina-los indiretamente a adquirir conhecimento também sem a necessidade expositiva do professor.

Este professor poderia implementar a técnica de tutoria entre pares, com o intuito de ensino recíproco, onde posteriormente à aula expositiva, uniria alunos de diferentes níveis de aprendizagem em pares, com o intuito de ensino mútuo. Tal metodologia cooperativa foca em “aprender ensinando”, onde tanto o aluno tutorado quanto o aluno tutorando ampliarão a fixação de seus conhecimentos através da referida interação.

O professor B por sua vez já faz uso de metodologias cooperativas, mas apenas nas etapas finais da aprendizagem na forma de trabalhos em equipe. Seria adequado e muito recompensador se este docente inserisse a técnica da entrevista em três passos, que trata da entrevista mútua dos alunos, com o intuito de identificar suas aprendizagens e dificuldades.

Para isso pode-se dividir os alunos em grupos de 8 até 12 integrantes, e dividir novamente cada grupo em pares, para realização das entrevistas, que podem se seguir durante o período letivo da disciplina. As entrevistas podem ser realizadas de forma on-line, e os resultados podem ser apresentados em fóruns privados dos grupos.

Nota-se que o professor C é o que faz maior uso das técnicas cooperativas de aprendizagem, utilizando majoritariamente a resolução estruturada de problemas, metodologia através da qual os alunos com a tutoria e intervenção do professor constroem seus próprios conhecimentos através do debate e discussão em grupos

formados pelo docente, de maneira a compor o processo de aprendizagem dos discentes de forma mais significativa.

Este professor em especial divide os grupos ao acaso, no entanto, poderia obter resultados melhores mesclando conscientemente alunos de alto e baixo desempenho nos mesmos grupos, de forma a equiparar seus níveis acadêmicos e possibilitar discussões mais equilibradas entre os integrantes destes.

Ademais, o professor pode fazer uso da técnica de escrita colaborativa, onde os estudantes elaboram perguntas de ensaio e respostas de exemplo, e depois intercambiam as perguntas para serem respondidas por outros alunos e terem seus resultados comparados com as respostas de modelo. Trata-se de uma técnica primorosa quando o objetivo é identificar as características da aprendizagem dos alunos acerca do tema abordado, bem como auxiliar na fixação do conteúdo, que ocorre tanto ao elaborar quanto ao responder as perguntas necessárias.

## **CONCLUSÃO:**

Contudo, fica evidente a grande relevância das práticas pedagógicas utilizadas pelos professores em sala para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem. Nota-se que a forma como se trabalha os conteúdos com a turma tende a fazer grande diferença no resultado final obtido.

Entretanto, ao planejar sua abordagem, o docente deve também levar em consideração as peculiaridades da turma que será trabalhada e, na medida do possível, observar ainda as particularidades de cada indivíduo.

## **REFERÊNCIAS**

SANTOS, Marismênia Nogueira dos. O PENSAMENTO EDUCACIONAL DE DERMEVAL SAVIANI: TRABALHO, EDUCAÇÃO E OS PRESSUPOSTOS DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA. Universidade Federal do Ceará. Ceará, 2016.

SILVA, Delcio Barros da. AS PRINCIPAIS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS NA PRÁTICA ESCOLAR BRASILEIRA E SEUS PRESSUPOSTOS DE APRENDIZAGEM. Revista Coral. UFSM. Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2018.

TARDIF, M. Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação do magistério. Universidade de Laval/ PUC-Rio, 2000.

**CAPÍTULO II: AS DIFICULDADES NO PROCESSO DE INCLUSÃO EDUCACIONAL (ADRIANA ALEXANDRE BRITO; GRACIELE FERREIRA LIMAS; MARIA DE FÁTIMA DUARTE SOUZA; MIRIAN DOS SANTOS JUNGLES; POLIANA DE SOUSA RODRIGUES)**

## **AS DIFICULDADES NO PROCESSO DE INCLUSÃO EDUCACIONAL**

Adriana Alexandre Brito  
Graciele Ferreira Limas  
Maria de Fátima Duarte Souza  
Mirian dos Santos Jungles  
Poliana de Sousa Rodrigues

### **INTRODUÇÃO**

A Inclusão com necessidades especiais tem sido um tema bastante discutido, existem vários tipos de necessidades especiais, a deficiência visual é uma das que tem sofrido muito com o preconceito, essas pessoas não tem o poder de conhecer o mundo que vive, apenas imaginam como seriam. Alguns já nascem cegos e desde pequenos aprendem a lidar com tal deficiência, outras por um problema ou outro são obrigados a conviver sem enxergar mais, eles são pessoas normais apenas não enxergam, tem capacidade de aprender como outra pessoa qualquer. Na escola essas crianças devem ser inseridas normalmente, incentivadas e estimuladas de modo que se adaptem com os demais colegas, sendo bem tratados por professores, colegas e demais funcionários que estejam envolvidos na sua educação. É muito importante demonstrar o quanto esses alunos são importantes e especiais, mostrar que eles são capazes e inteligentes e superam com sucesso as dificuldades que possuem, seja ela visual ou qualquer outra que existem, eles são normais, é necessário que sejam conscientizados de que todas as pessoas têm limitações e essas são superadas com muito esforço e dedicação.

#### **1. UMA MANEIRA INTELIGENTE PARA TRABALHAR COM ALUNOS ESPECIAIS**

Cada criança está sujeita a diferentes estímulos e reage de maneira diferente a eles, o desenvolvimento incompleto está ligado ao desenvolvimento cultural incompleto decorrente da sua exclusão do ambiente cultural. Com frequência as complicações são resultados de uma educação incompleta.

Em todos os momentos negativos que caracterizam uma criança com deficiência, não há simplesmente uma passividade no seu processo de

desenvolvimento, ou uma deficiência que está presente desde o princípio, a todo o momento a criança é influenciada em seu desenvolvimento, seja por elementos positivos ou negativos. Portanto, vão se acumulando uma série de formações secundárias, que podem tanto seguir uma linha de correção como provocar novas complicações no quadro original.

O direito da educação fundamenta-se no preceito de que todos devem ter as mesmas possibilidades de desenvolver suas capacidades para alcançar independência cultural, política e econômica e integrar-se na vida social. O processo de aprendizagem tem que ser permanente, é o desafio de aprender, e de formar seres aptos para a vida social.

A aprendizagem da criança com deficiência deverá ser sistematizada e estruturada, de forma que a criança aprenda a informação completa sobre o conceito a ser aprendido. O desenvolvimento deve ser estimulado, já que são partes importantes no desenvolvimento dos processos de aprendizagem.

A educação de uma criança com deficiência pode ser organizada como a educação de qualquer outra criança. A educação pode converter realmente o deficiente a uma pessoa normal e fazer desaparecer a palavra e o conceito de "deficiente" da mente das pessoas.

Desde modo, os profissionais que atuam na reabilitação e educação de indivíduos com deficiência necessitam deter conhecimentos sobre as limitações desses indivíduos, bem como sobre o sistema de ensino e reabilitação. A escola e a reabilitação devem caminhar juntas, suprindo as reais dificuldades da criança, do adolescente e do adulto com deficiência. Crianças com necessidades especiais são aquelas que por alguma espécie de limitações requerem certas modificações ou adaptações no sistema educacional para que possam atingir todo o seu potencial.

A aprendizagem depende em grande parte dos acontecimentos que se realizam no ambiente com o qual o indivíduo interage, o que ele vive no dia a dia e assim ele vai formando seus próprios conceitos.

A Educação Especial é uma educação organizada para atender exclusivamente alunos com determinadas necessidades especiais. Algumas Escolas dedicam-se apenas um tipo de necessidade, enquanto outras se dedicam a várias necessidades. O ensino Especial tem sido alvo de muitas críticas, por não promover o convívio diário de crianças especiais e as demais crianças, mas ai cabe vários fatores, pois a educação especial conta com vários suportes, auxílios, já a escola

regular necessita de algumas transformações para poder atender de forma inclusiva esses alunos especiais.

... a educação especial é entendida como parte integrante da Educação visando ao desenvolvimento pelo das potencialidades do “educando com necessidades especiais”. (Mazzotta, p. 75, 2003).

Nesta área de Educação Especial muitas vezes ao atingimos nossos objetivos especificamente, projetos que poderiam dar certo, que eram positivos na pratica passam a ser negativos. No dia a dia nos deparamos com diversos problemas vivenciados pelos alunos no processo de aprendizagem, por isso, é de extrema importância a participação ativa dos pais e demais familiares, isso faz com que o educando se sinta seguro e protegido, assim ele tende a aprender com mais facilidade.

É necessário que os professores, e também, familiares discutam maneiras de chamar a atenção, despertar o interesse desses alunos especiais, a fim de elaborar um bom planejamento de trabalho, diferentes estratégias, traçar metas, objetivos a serem atingidos propondo várias adaptações que vão surgindo em sala de aula, no momento, no cotidiano, considerando somente o que o aluno é realmente capaz de realizar.

Não podemos desconsiderar também a natureza das dificuldades, de onde realmente surgem e porque surge, qual é o verdadeiro obstáculo desses alunos, a hiperatividade, a ansiedade, as frustrações que eles sofrem, entre outras várias condições que podemos nos deparar.

Os professores precisam ensinar para os alunos que:

... o que fica para a vida, para o desenvolvimento humano são os conhecimentos que ensinamos, mas também, e sobretudo, as posturas, os processos e significados que são postos em ação, as formas de aprender, de se interessar, de ter curiosidade, de sentir, de raciocinar e de interrogar. (ARROYO,2000, p.110).

É de extrema importância conhecer bem os alunos, na sua individualidade, saber o que eles realmente consideram importante, pois quando ele se interessa aprende muito mais. Conhecer suas potencialidades é de extrema importância, saber o que ele é capaz de fazer sozinho, o que ele já sabe fazer sem ajuda de outras pessoas, o que já aprendeu e usa no seu dia a dia.

O professor deve descobrir estratégias, recursos para fazer com que o aluno queira aprender, deve fornecer estímulos para que o aluno se sinta motivado.

Segundo a autora Claudia Werneck (2000:115-116) argumenta:

... a sociedade para todos, conscientes da diversidade da raça humana, estaria estruturada para atender às necessidades de cada cidadão, das maiorias as minorias, dos privilegiados aos marginalizados. Crianças, jovens e adultos com deficiência seriam naturalmente incorporados à sociedade inclusiva, definida pelo princípio: 'todas as pessoas têm o mesmo valor'. E assim juntas, com papéis diferenciados, dividindo igual responsabilidade por mudanças desejadas para atingir o bem comum...

Ao estimular o aluno, o educador faz com que a aprendizagem seja um motivo de interesse para aquilo que vai ser aprendido. É fundamental que o aluno queira dominar alguma competência. O desejo de realização é a própria motivação, assim o professor deve fornecer sempre ao aluno o conhecimento de seus avanços, captando a atenção do aluno.

O educador sempre busca ensinar, ajudar seu aluno, e mesmo assim muitas vezes acaba sofrendo algum tipo de violência, abusos.

Um dos maiores obstáculos que os educadores enfrentam é a agressão, os alunos muitas das vezes reagem de forma agitada em sala, se irritam e agridem professores e colegas e é nesse momento de os educadores devem entender que a agressão não se dirige para eles, então é de fundamental importância que o profissional tenha um bom preparo educacional emocional e psicológico, para não cair no jogo de provocação que o aluno gera nessas ocasiões.

Em certos momentos nos submetemos a reagir de maneira firme, decidida, às vezes é normal quando os alunos reagem negativamente diante de uma situação desconhecida para eles. Cabe ao professor estabelecer limites para essas reações e buscar erradicá-las, não pela imposição, mas por meio da conscientização e do esclarecimento, nunca buscar encontrar o culpado, quem errou, pois isso não ajuda em nada na resolução dos conflitos, o ideal é o diálogo, acalmá-los e aí sim encontrar solução para os problemas.

## **2. A GRANDE DIFICULDADE DE ADAPTAÇÃO ENFRENTADA PELOS PROFESSORES DE ALUNOS ESPECIAIS EM SALA DE AULA**

Os educadores que realmente se dedicam a trabalhar na classe de Educação Especial no ensino público se deparam com grandes problemas: alunos segregados em salas restritas, sem ventilação, com intervalos separados de outros alunos, isolados, eles são tratados de maneiras diferenciadas.

Segundo MITTLER (2000), antigamente os deficientes eram separados, afastados de qualquer convívio social, pois sua diferença era vista como maldição, destino, marca do demônio e todo tipo de crendice. Afinal, o que era diferente era desconhecido e misterioso, e o desconhecido era fonte de medo. Do medo ao preconceito é um pulo, daí a exclusão completa das “pessoas portadoras de necessidades especiais”.

Quando as pessoas não têm conhecimento, acabam cometendo erros, tirando conclusões erradas, sobre esses assuntos, por isso é muito importante que antes de concluir, pensar algo, é necessário adquirir conhecimentos sobre o assunto.

Alunos Especiais são seres humanos, que tem sentimentos, que sofrem, sentem frio, calor, dor, normalmente, então devemos conscientizar os cidadãos de que todos são pessoas que merecem carinho, amor e afeto.

A Inclusão não deve acontecer somente nas escolas, mas na sociedade como um todo. Os alunos não devem ser inseridos nas escolas regulares e simplesmente isso, eles necessitam de uma qualidade de ensino especial, preparada exclusivamente, do outro lado não podemos esquecer de que a qualidade no ensino deve ser tanto para alunos especiais como também para alunos regulares.

A escola é de fundamental importância para todas as crianças, mas em especial para os alunos com necessidades especiais.

Os alunos com deficiência visual possuem aprendizagem e raciocínios normais, eles são apenas cegos, não enxergam, eles podem e devem ser inseridos na sociedade independentemente de seus problemas ou deficiência visual.

Alunos com deficiência visual irão apresentar diversos tipos de dificuldades de aprendizagem, isso de acordo com o grau de sua dificuldade, em geral alunos com deficiência visual não apresentam, na maioria dos casos, deficiência mental, eles tem seu cérebro funcionando em perfeito estado, podendo até ter melhores desempenhos que as crianças ditas normais, eles tem boa capacidade de aprendizagem quando a escola é bem estruturada, com todos os meios necessários para facilitar o conhecimento desses alunos com deficiência visual. Para que haja aprendizagem de sucesso é necessário o apoio e estímulo dos pais, professores e colegas.

Esses alunos deveram estar estimulados de forma que desenvolvam suas capacidades e habilidades intelectuais mesmo que seja encontrada alguma dificuldade que apresente ser grave, esse aluno deverá ser estimulado permitindo assim o seu desenvolvimento completo.

É muito necessário a pratica e a busca de mudanças no sistema educacional, na família e na sociedade em geral.

As dificuldades enfrentadas por professores são muito grandes e, além disso, os educadores são recém formados, sem um curso de especialização, nem apoio dos demais colegas de profissão, sendo assim esses jovens educadores cheios de vontade de trabalhar sentem – se desmotivados e solitários nessa imensa luta diária.

O aluno deficiente visual deve prestar bastante atenção no que ele ouve, pois é através da audição que ele adquire aprendizagem, aprende a comunicação e interage com a sociedade, o aluno deve participar ativamente da aula, ele pode questionar esclarecer suas dúvidas e contribuir para que o trabalho em equipe seja de sucesso.

Eles têm acesso às adaptações curriculares, ou seja, ao alfabeto Braille e as letras ampliadas, maiores para os alunos que não são totalmente cegos, apenas têm baixa visão. As adaptações curriculares constituem, pois, possibilidades educacionais de atuar frente às dificuldades de aprendizagem dos alunos. Pressupõem que se realize a adaptação do currículo regular, quando necessário, para torná-lo apropriado às peculiaridades dos alunos com necessidades especiais. Não um novo currículo, mas um currículo dinâmico, alterável, passível de ampliação, para que atenda realmente a todos os educandos.

Quando se fala em adaptações curriculares não é necessariamente que se deva mudar totalmente o currículo, mas sim adaptá-lo, modificá-lo em alguns aspectos, alterar, melhorar para facilitar o processo de ensino aprendizagem.

Especificar o que, como e quando, o aluno com necessidades especiais deve aprender. Por esses motivos o profissional da área deve estar apto e preparado para se acostumar com certas mudanças. Dentre as principais podemos citar:

- ✓ Materiais adequados;
- ✓ Sistema alternativo de comunicação adaptado às possibilidades do aluno: sistema Braille, textos escritos com letras ampliadas, relevos, etc.
- ✓ Explicações verbais sobre os materiais apresentados durante a aula;
- ✓ Materiais didáticos e de avaliação em tipo ampliado para alunos com baixa visão e em relevo para alunos cegos;
- ✓ Máquina de Braille, reglete, sorobã, bengala longa, livro falado, entre outros.

- ✓ Que formas de organização do ensino são mais eficientes para o processo de aprendizagem;
- ✓ Como e quando avaliar o aluno.

O CAPE (Centro de Apoio Pedagógico Especializado), órgão a serviço do ensino de portadores de deficiência, quando as escolas são estaduais, e os familiares não tem condições de oferecer para seus filhos esses apoios, muitas das vezes ele fornece esses recursos didáticos para os alunos especiais.

Dependendo da deficiência, a criança cega ou com visão subnormal, precisa de alguns recursos pedagógicos diferenciados, como a máquina braile em substituição ao caderno comum e materiais com pautas ampliadas, que podem ser providenciados pela escola ou pela família.

As adaptações curriculares constituem, pois, possibilidades educacionais de atuar frente às dificuldades de aprendizagem dos alunos. Pressupõem que se realize a adaptação do currículo regular, quando necessário, para torná-lo apropriado às peculiaridades dos alunos com necessidades especiais.

O professor não deve exigir sempre do aluno deficiente visual trabalhos escritos, quando eles participam ativamente da aula, a oralidade é considerada forma de aprendizagem. É importante também que o educador faça com que o educando organize as suas ideias mentalmente, que eles façam um mapa da sala de aula, saibam onde estão as carteiras, mesas, portas, janelas, tudo isso facilita a adaptação do aluno deficiente visual com o ambiente em que vive na escola, eles precisam ter confiança em si e nos professores para se locomover e estabelecer aos poucos sua independência, dominando e controlando sua motricidade.

A Declaração de Salamanca foi adotada pela conferência Mundial em Educação Especial organizada pelo governo da Espanha em cooperação com a UNESCO, realizada em Salamanca entre os dias 7 e 10 de junho de 1994, o objetivo principal era dar informações sobre as políticas e organizações internacionais ou nacionais sobre os princípios da Declaração de Salamanca, essa estrutura de ações também considera propostas e ações dos cinco seminários regionais da Conferência Mundial.

A Declaração de Salamanca ampliou o conceito de necessidades educacionais especiais, incluindo todas as crianças que não estejam conseguindo se beneficiar com a escola seja por que motivo for. Assim, a ideia de "necessidades educacionais especiais" passou a incluir, além das crianças portadoras de deficiências, aquelas que estejam experimentando dificuldades temporárias ou permanentes na escola, as que estejam

repetindo continuamente os anos escolares, as que sejam forçadas a trabalhar, as que vivem nas ruas, as que moram distantes de quaisquer escolas, as que vivem em condições de extrema pobreza ou que sejam desnutridas, as que sejam vítimas de guerra ou conflitos armados, as que sofrem de abusos contínuos físicos, emocionais e sexuais, ou as que simplesmente estão fora da escola, por qualquer motivo que seja. (MENEZES, 2002).

Todas as crianças têm seus direitos, direito de uma boa educação numa escola regular, com o apoio necessário, com adaptações curriculares pedagógicas exercidas pela escola e por educadores, deve ser dada a ela oportunidades de atingir e manter seu aprendizado em seu tempo sem pressões e nem preconceitos. Eles têm direitos a todos os materiais de apoio que necessitem para um melhor resultado.

Qualquer pessoa com deficiência tem o direito de expressar seus desejos, seus conhecimentos, suas habilidades, os pais também têm direitos de acompanhar a vida de seus filhos na escola, participando ativamente das atividades educativas e devem sempre ser consultadas sobre a forma de educação mais apropriada as necessidades, circunstâncias de seus filhos.

O indivíduo com necessidades Educativas Especiais é uma pessoa normal, como qualquer outra, com suas preferências, suas dificuldades, com interesses e capacidades produtivas, basta apenas ser dada a sua primeira oportunidade para que ele possa desenvolver suas potencialidades.

A Declaração de Salamanca é considerada um dos principais documentos mundiais que visam a inclusão social, ao lado da Convenção de Direitos da Criança (1988) e da Declaração sobre Educação para Todos de 1990. Ela é o resultado de uma tendência mundial que consolidou a educação inclusiva, e cuja origem tem sido atribuída aos movimentos de direitos humanos e de desinstitucionalização manicomial que surgiram a partir das décadas de 60 e 70. (MENEZES, 2002).

A Inclusão tem o objetivo de promover a sociedade uma participação ativa dos deficientes visuais, pois, a perda da visão deixa o indivíduo com suas oportunidades reduzidas, a convivência com as pessoas e com o meio EME que elas vivem fica muito difícil. A sociedade deve dar as condições necessárias para que todas as pessoas possam contribuir participar de uma forma ou de outra, ativamente de atividades no meio social.

Thaís de Oliveira (1998: 198-199) aborda:

... A Inclusão dos portadores de deficiência amplia sua capacidade de socialização e desenvolvem potencialidades, saem fortalecidos pelo aprendizado emocional social e Intelectual enquanto seus colegas 'normais'

vencem resistência e se adaptam a convivência com eles. Porém, deve se mudar a mentalidade dos pais destes ditos 'normais' que acrescentam que seus filhos serão prejudicados na escola, tendo deficientes em sala de aula...

A criança deficiente visual ou com baixa visão deve ser sempre estimulada para que ela alcance níveis de desenvolvimento iguais ou semelhantes aos de crianças não-deficientes.

A falta de preparação do profissional tem sido o obstáculo mais apontado, pois os professores além de não estarem especializados para trabalhar com alunos especiais adotam ritmos acelerados e muitas vezes os alunos não conseguem acompanhar esses ritmos muito rápidos. Os alunos deficientes visuais necessitam de um tempo maior de explicações, demonstrações, tempo esse que eles consigam imaginar e raciocinar os conhecimentos.

O professor deve sempre lembrar que os alunos com baixa visão ou deficientes visuais, quando eles recebem as informações necessárias e são auxiliados sempre que solicitam são capazes sim de realizar as mesmas atividades que os alunos não deficientes.

O processo de aprendizagem do aluno com necessidades educativas especiais deve estar sempre adequado de acordo com a realidade da sala de aula, respeitando sempre a diversidade dos alunos, a criança cega ou com baixa visão podem participar dos mesmos conteúdos dos colegas videntes, sempre atentos a fornecer as condições necessárias e seguras para que o desenvolvimento seja de qualidade.

As crianças cegas têm sentimentos mais parecidos com as crianças videntes do que as que têm outros tipos de necessidades especiais.

Os alunos devem sempre ter liberdade para expressar o que ele já sabe ou sente para os colegas e professores.

Os educadores também devem alertar a família do aluno com deficiência visual a não protegê-los demais, deixar que eles adquiram experiências, aprendam a viver, vivendo, com as dificuldades eles vão aprendendo a superá-las de uma forma ou de outra, assim eles vão adquirindo autoconfiança. O que mais desanima o aluno com deficiência seja ela visual ou outra é a falta de estímulos, quando os educadores deixam os alunos de lado, não questionam nada, não esperam nada deles, eles acabam percebendo que o professor nada deles espera, não tem nenhuma expectativa em relação a eles.

É muito importante para o aluno cego que o educador mostre objetos, fazer com que eles toquem, falem a cor, se tem cheiro ou não, faça um breve histórico sobre aquele determinado objeto, assim o aluno dá atenção e aprende mais.

A contribuição do professor para com o aluno é muito importante, a disponibilidade, o respeito, o educador deve ser acolhedor, positivo, um verdadeiro companheiro do aluno com necessidades especiais.

A motivação tem um importante fator que melhora a atenção, a concentração e o desempenho do aluno para a realização das várias atividades que são sugeridas pelos professores.

Apesar de todos os recursos que disponibilizamos atualmente para evitar a perda da visão, dia após dia as pessoas estão ficando cegas por doenças ou por velhice. Para pessoas com visão normal, a perda de repente da visão é sempre muito difícil, principalmente do mundo em que vivemos onde tudo é muito belo e visivelmente orientado, ninguém conta e nem imagina a possibilidade de ficar cego assim de uma hora para outra.

Mesmo o indivíduo mais saudável mentalmente utilizará de mecanismos importantes para se adaptar a cegueira.

A necessidade de uma profunda reorganização de hábitos, de atividades que esses pacientes praticavam deve ser mudada, eles devem aprender a lidar com essa perda, que influencia muito em todos os aspectos de suas vidas.

## **CONCLUSÃO:**

Apesar de toda a dificuldade no ensino de física é possível proporcionar um ensino de qualidade a esses alunos, a possibilidade de adaptação e de um clima favorável ao aprendizado.

O direito da educação fundamenta-se no preceito de que todos devem ter as mesmas possibilidades de desenvolver suas capacidades para alcançar independência cultural, política e econômica e integrar-se na vida social. O processo de aprendizagem tem que ser permanente, é o desafio de aprender, e de formar seres aptos para a vida social.

Pretendemos alcançar um conhecimento e experiência maior referente à Inclusão de alunos portadores de necessidades educacionais especiais dentro do âmbito escolar. Também contribuir para o atendimento e a conscientização do

processo de Inclusão no ensino público do Brasil para esclarecimentos enquanto profissional da área.

Neste processo de aprendizagem, o educador deve estar apto a desenvolver novas metodologias de ensino, sendo importante sempre se questionar: Como se ensina? Ensinar é transmitir conhecimentos, técnicas, valores, é deixar o outro fazer, orientando, explicando, mostrando como se faz, então, ensinar não é outra coisa do que aprender e que a maior parte da aprendizagem significativa é adquirida pela prática, o educador, deve aceitar o aluno tal como ele é compreendendo-lhes os sentimentos e necessidades.

Com todos esses desafios é necessário que busquemos algo novo, inteligente e criativo para que facilite nosso trabalho e para que também tenhamos bons resultados.

## **REFERÊNCIAS:**

CASTRO, A. M.(et AL); org. Educação Especial: do Querer ao Fazer. São Paulo: Avercamp, 2003.

EDLER, R.C. Removendo Barreiras para a Aprendizagem: Educação Inclusiva. Porto Alegre: Meditação 2000.

CORDE. Declaração de Salamanca e Linha de Ação. Brasília: CORDE, 1994.

SENADO FEDERAL. Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais. Brasília, CORDE, 1994.

BRASIL – Ministério da Educação. Secretária de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial. Brasília: MEC/ SEESP, 1994.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Educação Infantil. Saberes e Práticas da Inclusão: Dificuldades de comunicação e sinalização: Deficiência visual. 4 ed.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. 81p.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Educação Especial no Brasil: História e Políticas Públicas. 4º Ed. Marcos J. S. Mazzotta. Editora Costez 2003.

**CAPÍTULO III - BIBLIOTECA ESCOLAR COMO INCENTIVO À LEITURA  
(ÂNGELA VERA MOREIRA DA SILVA; DIANA PARIZOTTO VICELLI; LILIANE  
HORAS ALVES; SUELY RIBEIRO)**

## **BIBLIOTECA ESCOLAR COMO INCENTIVO À LEITURA**

Ângela Vera Moreira da Silva

Diana Parizotto Vicelli

Liliane Horas Alves

Suely Ribeiro

### **RESUMO:**

Este artigo tem por finalidade tratar sobre o assunto da importância da biblioteca na escola como incentivo à leitura. A biblioteca é considerada um recurso didático fundamental para incentivar o hábito da leitura nas escolas, pois através de um espaço atrativo que tenha contação de histórias, recreações, artes, músicas o (público) alunos irão gostar de frequentar a biblioteca e tomando gosto pela leitura e o hábito. Todo o grupo da escola de professores e o bibliotecário escolar poderão trabalhar em parceria realizando assim um projeto na biblioteca escolar para melhor incentivar o hábito pela leitura. Observar e constatar as atividades que são realizadas na biblioteca escolar que incentivam a leitura. Planejar aulas utilizando como recurso didático a biblioteca escolar para as atividades que trabalham a leitura. Ter uma rotina para os alunos frequentarem a biblioteca, que a biblioteca seja um lugar atrativo e de incentivo para a leitura do aluno. A leitura é de suma importância na formação do cidadão.

**Palavras-chave:** Biblioteca. Planejamento. Hábito. Leitura. Professor.

### **SUMMARY:**

This article aims to address the importance of the library in school as an incentive to read. The library is considered a fundamental didactic resource to encourage the habit of reading in schools, because through an attractive space that has storytelling, recreations, arts, music the (public) students will enjoy attending the library and enjoying reading and the habit. The entire school group of teachers and the school librarian will be able to work in partnership to carry out a project in the school library to better encourage reading habits. Observe and verify the activities that are performed in the school library that encourage reading. Plan classes using as a teaching resource the school library for reading activities. Have a routine for students to attend the library, make the library an attractive and encouraging place for student reading. Reading is of paramount importance in shaping the citizen.

**Keywords:** Library. Planning. Habit. Reading. Teacher.

## **1. INTRODUÇÃO**

Este artigo apresenta informações do tema a importância da biblioteca escolar na formação de leitores. Busca averiguar, de que forma a literatura é utilizada pelos educadores para despertar nas crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental o gosto pela leitura. A leitura assume um papel importantíssimo no desenvolvimento dos indivíduos no contexto escolar, profissionalmente ou lazer. O objetivo e interesse desta pesquisa é mostrar o quanto é importante a valorização do espaço dentro de uma escola que é a “biblioteca escolar” e ressaltar as vantagens de utilizar, de maneira mais frequente, realizado projetos para a mudança e utilização do espaço para que se possa despertar nas crianças o gosto pela leitura. O projeto terá como desenvolvimento pesquisas sobre a importância da biblioteca na escola para a formação de leitores, que os alunos usarão em sua vida inteira a leitura e ajudará na

formação de cidadãos críticos. Objetivo específico mostrar a importância de ter uma biblioteca na escola, buscando formas de uma aproximação entre professor e o bibliotecário, organizando uma rotina na biblioteca que chame a atenção dos alunos, para estimular o gosto e o hábito pela leitura, ajudando na interpretação, produções de texto formação de frases. Explorando nos alunos a importância de cuidar dos livros que são utilizados na biblioteca.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

Esta pesquisa teve como proposta a utilização da biblioteca escolar de forma correta para a formação de leitores. Pois segundo o MEC (Ministério da Educação) o PNBE sendo desenvolvido desde 1997, tem como objetivo primordial promover o acesso à leitura e o incentivo a mesma nos alunos e professores por meio de acervos e obras de literatura, de pesquisa e de referência, atendendo de forma universal e gratuita todas as escolas públicas de educação básica encontradas no censo escolar.

Os recursos que foram usados para a realização desse projeto, foram leituras e pesquisas em diversos livros embasados em teóricos, sites com materiais relacionados a biblioteca escolar. Entrevista na escola com os professores sobre como eles usam as bibliotecas nas escolas. Visita em bibliotecas. Na atividade proposta os materiais de trabalho foram: O espaço da biblioteca, e livros para a contação de histórias. Ao aplicar os conteúdos para potencializar o incentivo à leitura nas crianças, podemos começar com uma visita a biblioteca escolar para compreender melhor a magia dos livros. É fundamental que essa prática tenha um planejamento e que seja apresentada para o aluno de forma agradável, sem tantas cobranças no início. Esse primeiro contato com os livros na escola ajudará a formar o hábito da leitura, por isso, deve ser um momento prazeroso para a criança. O professor pode realizar a atividade de ler em voz alta “contação de história”, onde irá aguçar sua imaginação, criticidade e curiosidade para descobrir e ler os livros de história.

Conforme (Amato e Garcia 1989, p.13) o estereotipo de que a biblioteca é vista, muitas vezes como um lugar em que são armazenados livros para leitura, um lugar destinado a alunos considerados indisciplinados deve a alunos considerados Indisciplinados deve ser modificado para que a ida a biblioteca por parte dos alunos seja agradável e não como algo repetitivo e forçado.

Segundo Amberguer (2000, p.71): “A criança que houve histórias desde

cedo, que tem contato direto com livros e que seja estimulada, terá um desenvolvimento favorável ao seu vocabulário, bem como a prontidão para a leitura.”

A compreensão e sentido daquilo que o cerca se inicia quando bebê, nos primeiros contatos com o mundo. Os sons, os odores, o toque, o paladar, de acordo com Martins (1994) são os primeiros passos para aprender a ler. Ler, no entanto, é uma atividade que implica não somente a decodificação de símbolos, ela envolve uma série de estratégias que permite o indivíduo compreender o que lê. Neste sentido, relata um documento norteador, Brasil (2001, p.54):

Ouvir histórias é um acontecimento tão prazeroso que desperta o interesse das pessoas em todas as idades. Se os adultos adoram ouvir uma boa história, um “bom caso”, a criança é capaz de se interessar e gostar ainda mais por elas, já que sua capacidade de imaginar é mais intensa. A narrativa faz parte da vida da criança desde quando bebê, através da voz amada, dos acalantos e das canções de ninar, que mais tarde vão dando lugar às cantigas de roda, a narrativas curtas sobre crianças, animais ou natureza. Aqui, crianças bem pequenas, já demonstram seu interesse pelas histórias, batendo palmas, sorrindo, sentindo medo ou imitando algum personagem. Neste sentido, é fundamental para a formação da criança que ela ouça muitas histórias desde a mais tenra idade.

A biblioteca começa a ser pensada como um ambiente para todos, cuja finalidade, propõe o repasse de informações e não mais considerada como uma fonte de poder, sendo caracterizada como:

“Um espaço de estudo e construção do conhecimento, coopera com a dinâmica da escola, desperta o interesse intelectual, favorece o enriquecimento cultural e incentiva a formação do hábito e da leitura (Corte, Bandeira, 2011, p.18).

Através de discursos relacionados a biblioteca escolar no Brasil, verificou-se que é necessário inicialmente sobre o problema de não ter apenas um acesso disponível na escola, ou seja, cabe a biblioteca escolar incentivar a leitura dos estudantes, aprimorando o uso das informações ali presentes e também de outros meios de comunicação, organizando atividades dinamizadas e integradas ao currículo escolar.

Além do acesso e seus suportes documentais, a biblioteca escolar deve atender a uma intencionalidade política e social. A intencionalidade política e social está representada na disponibilização de serviços de aprendizagem e nos livros e recursos que permitam aos membros da comunidade escolar tornar-se pesadores críticos e utilizadores efetivos da informação em diferentes suportes e meios de

comunicação. (UNESCO, 1999).

Para Macedo e Oliveira (2005, p.6) a biblioteca escolar deve ter recursos financeiros adequados e contínuos para uma equipe treinada e materiais, tecnologias, e instalações apropriadas, o acesso a estes serviços deve ser gratuito.

Segundo as diretrizes do IFLA, a biblioteca escolar deve ser um ambiente estruturado e que promova uma trajetória de conquistas para os alunos, envolvendo a realidade destes e os objetivos da escola, de forma realizar a prosperarão de novos projetos para incentivar a leitura e aproveitamento da biblioteca escolar, seja considerado que sua missão é desenvolver propensões para a aprendizagem do educando, significa que:

A biblioteca escolar proporciona informação e ideias fundamentais para sermos bem-sucedidos na sociedade atual, baseada na informação e no conhecimento. A mesma desenvolve nas estudantes competências para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, permitindo-lhes tornar-se cidadãos responsáveis. (MACEDO, OLIVEIR, 2005, p.4)

“A biblioteca escolar é um espaço de estudo e construção do conhecimento, coopera com a dinâmica da escola, desperta interesse intelectual, favorece o enriquecimento cultural e incentiva a formação da leitura” (Corte; BANDEIRA, p.18).

As leis propostas no Plano Nacional para a biblioteca escolar foram formalizadas para promover o desenvolvimento das bibliotecas escolares no âmbito da qualidade, tanto do acervo como nas propostas metodológicas que cabem aos bibliotecários e professores envolvidos, relacionar com o currículo escolar, ou seja, a biblioteca escolar possa ser mais que um depósito de livros e sim um aparato para a apropriação cultural.

É preciso fornecer e estabelecer programas de formação profissional para professores, pois a sua atuação é essencial para desenvolver aptidões a leitura, interpretação e criatividade a serem interiorizadas pelo aluno, mas ao contrário:

O PNBE manteve-se apenas como um grande programa de distribuição de Livros, como se a existência de acervos fosse o caminho natural de formação de leitores nas escolas públicas brasileiras, sem prever o apoio algum a projetos de formação continuada de professores na leitura literária (PAIVA, BERENBLUM, 2009, p.174).

Em 24 de Maio de 2010, foi sancionada a lei 12.244 pelo ex presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva, onde discorre a respeito da modificação das bibliotecas escolares:

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas de todos os sistemas de ensino do País com bibliotecas, nos termos da lei.

Art. 2º Para os fins desta lei, considera-se biblioteca escolar a coleção de livros, materiais ideográficos e de documentos registrados em qualquer suporte, destinados a pesquisas, estudos ou leitura.

Parágrafo único. Será obrigatório um acervo de livros na biblioteca de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado, cabendo ao respectivo sistema de ensino determinar a ampliação deste acervo, conforme sua realidade, bem como divulgar orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento das bibliotecas escolares. (Brasília, 24 de maio de 2010, 189º da Independência e 122º da República)

A leitura realizada em atividades superficiais que é apenas para a realização de atividades futuras, não contribuem para a que a leitura se consolide numa necessidade pelo leitor. A escola deve proporcionar um ambiente de liberdade, a leitura, portanto precisa ser constantemente estimulada, é necessário criar o hábito de ler, o prazer de ler, o gosto pela leitura. (CAMPELLO, 2003, p.03)

### **3. CONCLUSÃO**

O presente trabalho teve como finalidade a realização de pesquisas para proporcionar aos professores uma reflexão sobre o devido papel da biblioteca escolar que deve ocupar na instituição escolar para os anos Iniciais do Ensino Fundamental de faixa etária dos seis aos dez anos de idade.

No Brasil a biblioteca escolar tem um significado como espaço na construção de conhecimento, de apoio pedagógico, didático e cultural que envolve alunos e professores, vem desde 1549, com a chegada dos Jesuítas que inicialmente tinha perspectivas de cunho religioso, a biblioteca estava circunscrita aos colégios por eles fundados, ou seja, era para poucos.

Para a formação do aluno leitor nota-se avanços nas leis em prol da biblioteca na escola, mas ainda serão necessárias ações concretas para a efetivação da relação pedagógica entre processo de ensino e biblioteca escolar.

### **4. REFERÊNCIA**

Amato e Garcia 1989, p.13 [https://ufsj.edu.br/portal2-Repository/File/mestradoeducacao/ANAIS%20II%20CICLO%20GPEALE\(1\).pdf](https://ufsj.edu.br/portal2-Repository/File/mestradoeducacao/ANAIS%20II%20CICLO%20GPEALE(1).pdf)

BATISTA, Polyana da Silva. Biblioteca escolar no Brasil: Um estudo sobre vários aspectos. Brasília: Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, 2009.

BISPO, Itana Bárbara Alcântara. A biblioteca escolar e a formação do leitor. 2011. 97f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia), Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2011.

BRASIL. Senado Federal. Lei 12.244/10 de 24 de maio de 2010. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm)> Acesso em: 05 jun. 2017.

CAMPELLO, Bernadete Santos et al. A coleção da biblioteca escolar na Perspectiva dos Parâmetros Curriculares Nacionais. *Informação*, v. 6, n.2, p. 71-88, jul. /dez. 2001.

\_\_\_\_\_. A função educativa da biblioteca escolar no Brasil: perspectivas para o seu aperfeiçoamento. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação da UFMG, n. 5, p. 1-29, 2003.

\_\_\_\_\_. Letramento informacional: função educativa do bibliotecário na escola. Belo horizonte: Autêntica Editora, 2009.

FRAGOSO, Graça Maria. Biblioteca na escola. *Revista ACB: Biblioteconomia, Santa Catarina*, v. 7, n. 1, p. 124-131, 2002.

GIL, Antônio Carlos. Como delinear um levantamento? In:\_\_\_\_\_. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002. Cap. 10, p. 111-128.

**CAPÍTULO IV - GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA: PERSPECTIVAS E  
IMPLICAÇÕES (SANDRA APARECIDA MARCARI BARRETO; ODINEI  
BARPI)**

# **GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA: PERSPECTIVAS E IMPLICAÇÕES**

Sandra Aparecida Marcari Barreto

Odinei Barpi

## **RESUMO**

A preocupação básica deste estudo é refletir sobre o papel da Gestão Escolar, bem como ocorre seu funcionamento, concomitantemente observar se existe uma gestão democrática. Este artigo tem como objetivo analisar a importância da organização escolar e seu papel fundamental no desenvolvimento das funções e atribuições da Gestão Escolar. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica considerando as contribuições de autores como FIALHO E TSUKAMOTO (2014), Gadotti (1994) e principalmente com LIBÂNEO (2001, 2004, 2007, 2013), entre outros, procurando enfatizar a gestão democrática, sua organização e seu funcionamento, bem como ser o fundamento da Gestão Escolar, ou a chamada, administração escolar, de forma a verificar sua efetivação no âmbito escolar. Concluiu-se a importância da participação de toda a comunidade escolar, no intuito de alcançar os objetivos educacionais, de modo a garantir que o processo educativo aconteça com qualidade e com base nas decisões e leis publicadas acerca do assunto.

**Palavras-chave:** Administração. Educação. Gestão Democrática. Gestão Escolar.

## **Introdução**

O presente estudo tem como tema a relevância da gestão democrática dentro da organização escolar, levando em consideração as novas demandas que a escola enfrenta, em um contexto no qual a sociedade se democratiza e se transforma. Essa nova forma determinada sobretudo pela descentralização do poder e pela autonomia, se modificou e, gradativamente, se instituiu nos sistemas de ensino como Gestão Democrática.

Nesta perspectiva, construiu-se questões que delimitam o objeto a ser estudado:

- Como se organiza a Gestão Escolar?
- Qual a sua relevância e sua função?
- Há gestão democrática atualmente?
- Quais perspectivas permeiam uma gestão democrática?

Ao abordar Gestão Escolar, logo pensa-se em um ambiente composto pela a equipe da direção e secretaria escolar, da limpeza e manutenção, dos professores e dos alunos.

Seguindo essa ponto de vista, Araújo (2009, p. 20) delibera que a gestão escolar democrática é uma forma de viabilizar que todos os envolvidos na instituição possam desempenhar com maior clareza sua cidadania, conviver melhor e obter a

liberdade de expressão, pois cada um dos envolvidos traz consigo um conhecimento, que é único e que pode ser agregado ao do seu colega e essa troca faz com que a cada dia os envolvidos integrem mais conhecimentos, sejam eles formais ou informais, tornando-os mais responsáveis, autônomos e criativos.

Porém, é preciso a contribuição de toda a comunidade escolar para que se tenha uma gestão democrática efetiva. Desta maneira, a organização colabora de forma expressiva para que a Gestão Escolar aconteça de forma democrática.

A gestão democrática implica um processo de participação coletiva; sua efetivação na escola pressupõe instâncias colegiadas de caráter deliberativo, bem como a implementação do processo de escolha de dirigentes escolares, a participação de todos os segmentos da comunidade escolar na construção do projeto político-pedagógico e na definição da aplicação dos recursos recebidos pela escola. (BRASIL, 2006, p. 81)

Nesse contexto, faz-se relevante entender que a gestão escolar acontece quando passa pela democratização da escola, tal como nos fatores internos, como nos externos, isto é, tanto os processos administrativos quanto a função social da escola, estão conectados como parte da gestão escolar.

Sobre tal contexto Oliveira; Moraes; Dourado (2012, p.10) cita que [...] entendemos que a democratização começa no interior da escola, por meio da criação de espaços nos quais professores, funcionários, alunos, pais de alunos etc. possam discutir criticamente o cotidiano escolar. Nesse sentido, a função da escola é formar indivíduos críticos, criativos e participativos.

Desse modo, o objetivo deste estudo é, pois, evidenciar como ocorre a organização da gestão escolar, tal como esta pode ser democrática, concretizando a participação de todos da comunidade escolar.

Para poder obter os objetivos indicados, fez-se como uso de recurso metodológico, a pesquisa bibliográfica, realizada por meio da análise de materiais já publicados na literatura e artigos científicos que foram divulgados no meio eletrônico.

O estudo foi embasado na Constituição Federal de 1988, e nas ideias e nas percepções de autores como Fialho e Tsukamoto (2014), Gadotti (1994), Libâneo (2001, 2004, 2007, 2013), Libâneo; Oliveira & Toschi (2009), Luce e Medeiros (2008) e Watanabe (1999), dentre outros que colaboraram de forma expressiva para o entendimento do assunto.

## Desenvolvimento

A educação no Brasil começa com a chegada dos Portugueses, neste momento os padres eram encarregados pela catequização e alfabetização dos índios. A partir de 1759, a educação passa por mudanças, os jesuítas passam a educação colonial para o governo Português, que por sua vez, ao final do Segundo Reinado e início da República, passa a administração e a manutenção das unidades escolares para os professores, porém estes eram subordinados e fiscalizados pelo Estado. (BEZERRA, 2019)

Com o avanço da educação científica, a partir de 1914, a classe operária passou a reivindicar o mínimo de condições educacionais. Contudo, apenas com a Constituição Federal de 1988, passou a existir a proposta de gestão democrática, que prevê em seu artigo 206, “VI – gestão democrática do ensino público, na forma da lei.” (BRASIL, 1988).

Para reforçar este modelo de gestão, os artigos 14 e 15 da Lei de Diretrizes e Base nº 9394/96, constituem a gestão escolar como participativa e a construção do Projeto Político Pedagógico com a cooperação dos membros da comunidade escolar e das famílias. (BRASIL, 1996).

A gestão democrática surge para substituir o autoritarismo, que por muitas décadas, prevaleceu em diferentes setores, sobretudo nos segmentos sociais que englobam a educação.

Deste modo, Gadotti (1994, p. 2), descreve gestão democrática:

A gestão democrática da escola exige, em primeiro lugar, uma mudança de mentalidade de todos os membros da comunidade escolar. Mudança que implica deixar de lado o velho preconceito de que a escola pública é do estado e não da comunidade. A gestão democrática da escola implica que a comunidade, os usuários da escola, sejam os seus dirigentes e gestores e não apenas os seus fiscalizadores ou meros receptores dos serviços educacionais. Na gestão democrática pais, alunos, professores e funcionários assumem sua parte de responsabilidade pelo projeto da escola. (grifo do autor)

Assim, pode-se dizer que a gestão democrática se constitui na participação efetiva dos docentes, da comunidade escolar e das famílias, propiciando uma educação de qualidade e preocupada com o andamento tanto das unidades quanto do desenvolvimento educacional.

A escola construída historicamente pela humanidade, foi expandindo sua função, além de socializar e multiplicar saberes científicos, também se tornou um

espaço para formar cidadãos e inserir os indivíduos no mercado de trabalho, ou seja, a escola passou a ter a função de formar pessoas. (LIBÂNEO et al., 2007).

Nesta perspectiva, compreende-se que a escola é uma unidade social, pois engloba pessoas que entre si interagem, empenhando-se para obter os objetivos educacionais.

Assim, a organização escolar refere-se aos princípios e procedimentos relacionados à ação de planejar o trabalho da escola, racionalizar o uso de recursos (materiais, financeiros, intelectuais) e coordenar e avaliar o trabalho das pessoas, tendo em vista a consecução de objetivos. (LIBÂNEO, OLIVEIRA & TOSCHI, 2009, p. 316)

Por meio de estudos que existem no Brasil, acerca de como acontece a organização e a gestão escolar, os pontos de vista de gestão escolar retratam diversas posições políticas e pareceres a respeito do papel das pessoas na sociedade. Por isso, o modo pelo qual uma escola se organiza e se estrutura tem enfoque pedagógico, pois tem a ver com os objetivos mais amplos da instituição relacionados a seu compromisso com a conservação ou com a transformação social (LIBÂNEO, 2007, p. 447).

Paro (2006) nos recomenda que a organização da sociedade, e da mesma maneira, a organização das instituições escolares pode estar estruturada, tanto com a conservação da ordem social, quanto com sua transformação, conforme estão dispostos os seus objetivos de ação.

Libâneo (2007) ainda propõe concepções acerca da organização e gestão escolar de acordo com a intenção relacionada às finalidades sociais e políticas da educação.

Concepção técnico-científica, esta baseia-se na hierarquia de cargos e funções, nas regras e procedimentos administrativos, visando sempre a racionalização dos trabalhos e a eficiência dos serviços escolares. Também conhecida em sua visão mais conservadora como administração clássica ou burocrática. Na versão mais recente é conhecida como modelo de gestão da qualidade total, utilizada de forma mais veemente em práticas de gestão da administração empresarial. Concepção autogestionária sua base está na responsabilidade coletiva sem a presença de uma direção centralizada. Existe uma tendência nessa concepção de recusar o exercício da autoridade e as formas sistematizadas de organização e gestão. Valoriza muito a capacidade do grupo criar, instituir as suas próprias regras. Concepção interpretativa a base desta concepção se encontra na percepção de que a escola é uma realidade social subjetivamente construída. Concepção democrática-participativa baseia-se na relação orgânica entre a direção e a participação dos membros da equipe. Acentua a importância da busca de objetivos comuns assumidos por todos. Defende uma forma coletiva de tomada de decisões, após a decisão tomada cada

peessoa deve se responsabilizar por sua parte, admitindo a avaliação sistemática. (LIBÂNEO, 2007)

Assim, verifica-se que a organização escolar necessita da participação de toda a comunidade, pois cada um desempenha um papel importante dentro da unidade, com o intuito de garantir o andamento dos processos e da educação.

Gerir uma escola é um trabalho nada fácil. São vários aspectos que precisam de atenção ao mesmo tempo: pedagógico, financeiro, estrutural, questões relacionais entre professores, pais, alunos e alunas, dentre outros; e as constantes mudanças socioculturais não permitem mais uma administração centralizada. Hoje, precisam-se dividir as responsabilidades e decidir coletivamente as ações e objetivos.

Neste ponto de vista, verifica-se como é essencial o papel do gestor, conforme Watanabe (1999), é o diretor o designado a coordenar a participação de todos nas tomadas de decisão da escola, visto que à medida que as pessoas participam, sugerem, questionam e decidem, acabam se envolvendo e sentindo-se responsáveis, assim a colaboração destas constitui uma relação de responsabilidade com a colaboração coletiva, tornando-a parte do processo.

Fialho e Tsukamoto (2014), corroboram que uma gestão democrática e participativa é aquela em que há comunicação entre todos, assim, possibilita elaborar soluções de modo rápido no propósito de atender a maioria, através da ação pedagógica e educativa, de forma coerente e que vá de encontro as determinações atuais da vida social, deste modo, torna a escola formadora de cidadãos, incluindo o aluno na sociedade.

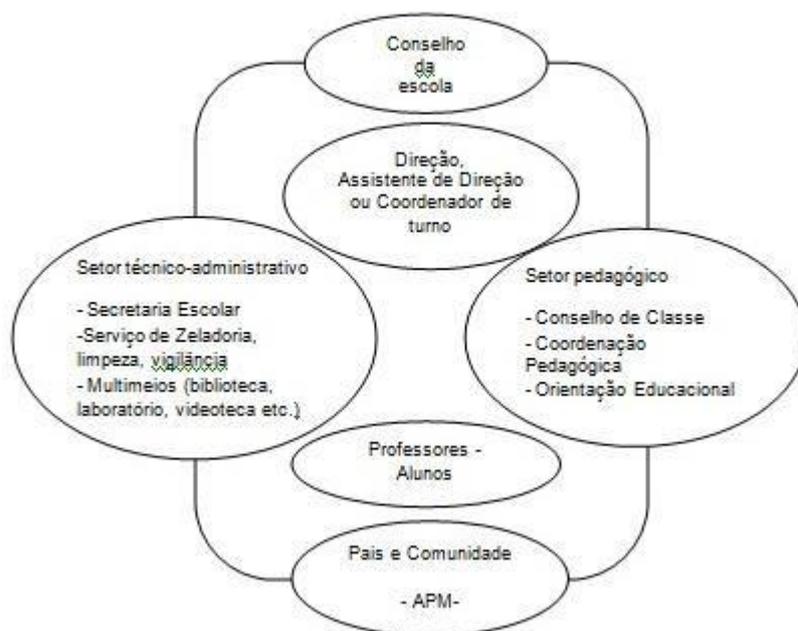
Neste âmbito, observa-se que as aplicações pedagógicas e políticas são orientadoras do trabalho da gestão escolar, porém podem ser estruturadas com diversos debates e definições tomadas frente às ações, aos programas e aos projetos pela escola implantado, deste modo, a gestão democrática é determinada pela participação de todos, descentralizando a tomada de decisão.

Nesse encadeamento de ideias, Luce e Medeiros (2008) corroboram que deve haver uma união da gestão democrática com mecanismos legais e institucionais e a organização de ações, que haja participação social, dentre as quais estão a formulação de políticas educacionais; no planejamento; na tomada de decisões; na determinação do uso de recursos e precisões de investimento; no

cumprimento das decisões coletivas; nos momentos de avaliação da escola e da política educacional.

Libâneo (2004), apresenta na figura um organograma da organização de uma gestão democrática, de acordo com o autor, esta organização acontece da seguinte maneira:

Figura 1: Organograma básico escola



Fonte: Libâneo, 2004.

Ainda de acordo com Libâneo, as escolas carecem de estrutura organizacional interna, prevista no Regimento Escolar ou em alguma legislação estadual ou municipal. Ao organizar a estrutura, como o feito com o organograma, verifica-se que os diferentes setores e as funções têm inter-relações, contudo a estrutura organizacional das escolas pode ser variada, isto é, de acordo com o ponto de vista adotado pela instituição, através de legislação Estadual e Municipal.

Evidentemente a forma do organograma reflete a concepção de organização e gestão. A estrutura organizacional de escolas se diferencia conforme a legislação dos Estados e Municípios e, obviamente, conforme as concepções de organização e gestão adotada, mas podemos apresentar a estrutura básica com todas as unidades e funções típicas de uma escola. (LIBÂNEO, s/n, 2001).

É importante compreender melhor as funções dispostas no organograma acima, para isso, dissertam-se sobre cada uma delas.

Marques (2007, p. 73), afirma que o Conselho de Classe é um órgão que amparará a escola para que juntos, aperfeiçoem um trabalho dentro da perspectiva democrática e assim, com a total cooperação de todos os segmentos que abrangem a escola, apresenta papel muito importante nas práticas escolares, pois engloba vários segmentos, cujo objetivo é debater, refletir e acompanhar todas as atividades escolares, justamente porque “[...] traz vozes diferentes e discordantes para dentro da escola, fazendo refletir sobre a heterogeneidade da comunidade escolar e do movimento da realidade.”

Ao citar a direção da escola, Libâneo (2004) diz que em seu comando está o diretor, este é responsável por coordenar, organizar e gerenciar as atividades da escola, para que isto aconteça, conta com o auxílio dos colaboradores, assim, cumprindo as leis, os regulamentos e as determinações feitas pelos órgãos do sistema de ensino, como também as decisões tomadas pela comunidade sobre a escola. Um gestor deve ser dinâmico, fazendo a junção entre o administrativo e o humano, não se atrelando apenas às questões burocráticas relacionadas à educação, mas também delegando tarefas, desse modo, a gestão democrática dispõe o trabalho em equipe em busca de um objetivo comum que é a aprendizagem eficiente e significativa do estudante.

Sobre o setor técnico-administrativo, Libâneo (2004), dispõe que esse setor é responsável pelas atividades que assegurem o atendimento dos objetivos e das funções da escola. Compreende-se que a secretaria escolar é encarregada pela documentação, pela escrituração e correspondência da escola, bem como dos docentes, discentes e demais funcionários como o apoio, além de realizar o atendimento ao público, assim sendo, para cumprir estas funções, a secretaria escolar conta com o secretário escolar e os auxiliares. Represente ainda a este setor os auxiliares de serviços, em alguns lugares chamados de apoio, e os multimeios, como a biblioteca, os laboratórios e as salas de multimídia. Os zeladores, os responsáveis pela manutenção, limpeza, conservação das dependências e instalações da instituição, as merendeiras, os vigias, e técnicos de multimeios, são colaboradores do apoio e auxiliam no processo de ensino/aprendizagem.

Um dos papéis mais importantes na organização escolar fica a cargo do setor pedagógico, este compreende as atividades da coordenação pedagógica, Piletti (1998, p. 125) cita que esse setor é de vital importância para o sucesso da

aprendizagem. Tal setor é composto por coordenadores e orientadores pedagógicos que participam ativamente na vida escolar do aluno. Dentre as principais atribuições do coordenador pedagógico estão a elaboração, controle e avaliação de projetos pedagógicos, assistência, orientação e estímulo aos professores e suas tarefas como avaliações e projetos, atendimento aos pais em relação ao processo de ensino/aprendizagem e orientação direta ao aluno. Contudo, é necessário salientar que trabalham em consonância com os outros setores para que a instituição mantenha um ensino de qualidade.

Aos referir-se à avaliação de desempenho dos alunos, Dalben (2004) cita o conselho de classe, este é deliberativo, ou seja, por ele são determinadas ações preventivas e corretivas em relação ao rendimento escolar dos alunos, ao comportamento dos mesmos, assim como a ocorrência de promoção ou reprovação de alunos, ademais de outras medidas que sejam deliberadas em conjunto para o avanço da qualidade da educação e desempenho dos estudantes.

De acordo com Libâneo (2001), referindo-se a equipe de profissionais que constituem a instituição educacional, consta-se ainda o grupo de professores em exercício na escola, que têm como incumbência atingir os objetivos da escola em relação a construção do conhecimento.

Em conformidade a esta perspectiva, Libâneo aponta ainda:

Como se vê, a gestão democrática aparece como constrição legal e, ao mesmo tempo, resume-se como “participação”, entendida mais como forma de representação da comunidade, gestão de recursos financeiros, e menos como dispositivos gerenciais e técnicos de funcionamento da escola, reduzindo a especificidade dos processos efetivos de gestão, ou seja, o conjunto dos meios e condições de caráter intelectual, material, gerencial, financeiro de assegurar o processo de ensino e aprendizagem. Na verdade, os efeitos mais imediatos desse dispositivo legal foram: a instituição do projeto pedagógico e a participação de professores e pais na gestão da escola, está representada, na prática, pela constituição burocrática de conselhos escolares. (LIBÂNEO, 2007, p.13).

Posto isto, compreende-se que a gestão democrática nada mais é que uma gestão de tomada de decisões em conjunto, em que todos tenham voz e ação, para que de fato aconteça um processo democrático no interior da escola. (SILVA, 2015)

Desta forma, pode-se refletir sobre a seguinte perspectiva:

O fazer democrático no interior da escola realiza-se pela transformação das práticas sociais que ali se constroem, tendo como foco a necessidade de ampliar os esforços de participação e de debates, preservando as diferenças de interesse entre os diversos sujeitos e grupos em interação, criando condições concretas para a participação autônoma dos vários

segmentos, viabilizando, nesse processo, horizontalidade das relações de força entre eles (HORA, 2007b, p.31).

Libâneo (2001) complementa que toda instituição procura resultado, sendo preciso uma ação racional, toda estruturada e bem coordenada, visto que é uma atividade coletiva, em que não provém da capacidade e responsabilidade individual, mas sim de objetivos comunitários e que são compartilhados, coordenados e controlados pelos responsáveis pelo procedimento de ensino/aprendizagem.

A própria palavra diz que uma gestão escolar democrática proporciona a remanejamento de responsabilidades, a ideia de participação, o trabalho em equipe, a deliberação sobre as ações que serão desenvolvidas, análise das situações e propicia enfrentamento de ideias, busca-se, assim, o êxito de sua organização, por meio de uma atuação consciente (SCHNECKENBERG, 2008 apud SANTOS, 2011, p.11)

Para Freire (1998), deve-se realizar tudo o que for capaz no sentido de estimular e convocar os que vivem em volta e no interior da escola para a participação na instituição.

A organização da Escola é compromisso de todos, dentro e fora da sala de aula. A sala de aula é decisiva pelo que envolve além de suas paredes, intervindo em todo seu processo. De modo que é no decorrer da aula que se dá a essência da Educação Escolar, é para ela que se concentram as várias capacidades dos profissionais da Escola, o que não significa que todos atuarão na sala de aula; o que não significa, também, que nela só atuam os professores; o que não significa, também, que os professores só atuam ali; nem que as equipes pedagógicas e de apoio só atuam fora dali; nem que aí só elas atuam. Em suma, a organização da Escola é coletiva, demanda a união de especialistas que atuem coletivamente. (PATRUNI, 2020)

Perante estes pressupostos, nota-se como a organização é essencial para a execução dos trabalhos na gestão escolar. Oportunizar local apropriado para alunos, colaboradores e comunidade, além de gerir os recursos recebidos com a intenção de manter o funcionamento da instituição, são papéis complexos que fazem parte da gestão, no entanto com a participação efetiva de todos nas ações é possível que se tenham bons resultados em todo o processo de ensino/aprendizagem.

## **Conclusão**

O Gestor escolar detém a difícil missão de gerir recursos e pessoal, tudo com a intenção de assegurar os direitos a educação e ao conhecimento. Ainda que seja um trabalho que requer boa parte do tempo de um gestor, a participação da comunidade escolar é importante na tomada de decisões.

Para se criar uma escola democrática é necessário ter em mente que todos os membros têm uma responsabilidade social sobre o seu papel perante à aprendizagem e formação do aluno, todos precisam estar fortemente ligados nesta meta, caso isso não aconteça é impossível edificar uma escola democrática. É necessário formar um espírito coletivo, comprometido, participante, desenvolvendo uma comunidade, alcançando esses fatores é possível conceber a expressão chamada democracia.

Assim, averiguou-se que a organização é fundamental, cada setor possui suas atribuições, distribuindo funções e responsabilidades para cada colaborador.

Nesse espaço, compete a gestão escolar cuidar pelo cumprimento dos direitos e deveres, além de dispor da participação de todos os colaboradores e comunidade escolar, assim como dos alunos para que o andamento das atividades relacionadas ao funcionamento da unidade escolar alcance os objetivos pedagógicos.

Posto isto, certifica-se que a organização é a base da gestão escolar, visto que é por meio deste que os processos e os objetivos, bem como a manutenção do ambiente escolar confirmam o quanto o papel da gestão escolar é desenvolvido corretamente. No entanto, mesmo sabendo que a participação de toda a comunidade escolar é fundamental, ainda é possível encontrar obstáculos, porque mesmo que a participação da comunidade seja importante, as unidades escolares encaram dificuldades em contar com esta participação.

Assim, a realização de uma gestão democrática, propicia ao aluno vivências de democracia, o que expande sua possibilidade de idealizar a sociedade como espaço de democracia, o que suscita aprendizagens significativas como a cidadania, à consciência de seu papel na sociedade na qual ele é membro integrante, conduzindo-o a entender seus direitos e deveres, deste modo, capaz de assumir suas responsabilidades.

Entende-se que o principal objetivo da gestão democrática é a construção de políticas educacionais comprometidas na formação do indivíduo, não se tratando

apenas da função do gestor, mas sim de todos as pessoas envolvidas na esfera educacional

Em síntese, para se ter uma gestão democrática na escola é necessário ter um gestor com competência para requerer uma ação coletiva e organizada, os membros da comunidade escolar devem estar realmente trabalhando em parceria, dividindo responsabilidades, sugerindo melhorias ao aluno e desenvolvendo ações em prol aos objetivos da instituição.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria Cristina Munhoz. Gestão escolar. Curitiba: IESDE, 2009.

BEZERRA, Juliana. Educação no Brasil. 2019. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/educacao-no-brasil/>. Acesso em jun. 2020.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Constituição Federal de 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm). Acesso em mai. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Gestão da educação escolar / Luiz Fernandes Dourado. – Brasília: Universidade de Brasília, Centro de Educação a Distância, 2006.

BRASIL, Presidência da República. LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em jun. 2020.

DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas. Trabalho escolar e conselho de classe. 4. ed. Campinas: Papirus, 1996.

FIALHO, Neusa Nogueira. TSUKAMOTO, Neide Mitiyo Shimazaki. Gestão democrática e educação de qualidade: desafios do gestor escolar. X ANPED SUL, Florianópolis, outubro de 2014.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GADOTTI, Moacir. Gestão democrática e qualidade de ensino. 1º Fórum Nacional Desafio da Qualidade Total no Ensino Público, 28 a 30 de julho de 1994 – Minascentro, Belo Horizonte - MG.

HORA, Dinair Leal da. Gestão democrática na escola: artes e ofícios da participação coletiva. 14. ed. Campinas: Papirus, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos et. al. Educação Escolar: políticas, estrutura e organização. Coleção Docência em Formação. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

\_\_\_\_\_. Organização e Gestão da Escola – teoria e prática. 4ª ed. Goiânia: Alternativa, 2001.

\_\_\_\_\_. Organização e Gestão da Escola: teoria e prática. 5ª ed. Goiânia: Alternativa, 2004.

\_\_\_\_\_. Concepções e Práticas de Organização e Gestão da Escola: considerações introdutórias para um exame crítico da discussão atual no Brasil. Revista Española de Educación Comparada, Madrid, Espanha, 2007.

\_\_\_\_\_. Organização e gestão da escola: teoria e prática. 6ª ed. São Paulo. Heccus Editora. 2013.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M. S. Educação Escolar: políticas, estrutura e organização. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

LUCE, Maria Beatriz; MEDEIROS, Isabel Letícia Pedrosos de. Gestão Escolar Democrática: concepções e vivências. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

LÜCK, Heloísa. Liderança em Gestão Escolar. Petrópolis RJ: Vozes, 2010.

MARQUES, Luciana Rosa. A descentralização da gestão escolar e a formação de uma cultura democrática nas escolas públicas. Recife: Universitária da UFPE, 2007.

PARO, Vitor Henrique. Administração Escolar: introdução crítica. 14ª. Edição. São Paulo: Cortez, 2006.

PATRUNI, Sandra Iara Lopes Gomes. O papel da Gestão Democrática nas escolas. 2020. Disponível em <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/opapel-gestao-democratica-nas-escolas.htm>. Acesso jun. 2020.

PILETTI, Nelson. Estrutura e funcionamento do ensino fundamental. São Paulo: Ática, 1998.

SANTOS, Christiane S. Costa da Cunha. Gestão da escola pública: desafio para a consolidação de uma educação democrática e participativa. Rio de Janeiro, 2011.

SILVA, Jéssika Nogueira. Os desafios da gestão democrática. 2015. Disponível em [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24636\\_13546.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24636_13546.pdf). Acesso jun. 2020.

WATANABE, Tsutaka. Papel do Regime Escolar na Organização e Funcionamento da Escola Pública. 654 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 1999.

**CAPÍTULO V - DESENVOLVIMENTO MOTOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL  
(ANA PAULA MACIEL DA SILVA; EVINA CRISTINA DA SILVA SANTOS;  
CRISTIANE PELINSON; SOLANGE MOREIRA; JANETE MACIEL TEIXEIRA)**

## **DESENVOLVIMENTO MOTOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Ana Paula Maciel da Silva  
Evina Cristina da Silva Santos  
Cristiane Pelinson  
Solange Moreira  
Janete Maciel Teixeira

### **RESUMO**

O texto que objetiva-se feito através de pesquisa bibliográfica descritiva de abordagem qualitativa tem como tema a grande importância do desenvolvimento motor da criança entre os 3 aos 4 anos da educação infantil, optou-se em mostrar o efeito que traz para a aprendizagem dessas crianças e de que maneira podemos trabalhar em sala de aula, buscando por citações de alguns teóricos que nos apontaram estratégias para melhorar esse trabalho em sala de aula, com a finalidade de contribuir para a aprendizagem dessas crianças na educação infantil. E através de pesquisas mais aprofundadas sobre o tema compreendeu-se que para o desenvolvimento motor ter bons resultados é necessário que haja estímulo repetitivos respeitando cada fase, podendo ser trabalhada de maneira lúdica e ao mesmo tempo pedagógica. A fim de definir quais os efeitos que o desenvolvimento motor traz para educação infantil, pontuando como é trabalhado nas salas de aula e qual a importância de para essa etapa da aprendizagem

**Palavras-chaves:** Desenvolvimento motor. Aprendizagem. Educação Infantil.

### **INTRODUÇÃO**

Quando se ouve a expressão movimento motor qual será a primeira coisa que vem na nossa mente? Pois bem iremos falar do movimento motor e como ocorre o desenvolvimento em cada fase. O movimento motor é todo movimento involuntário ou voluntário que temos desde muito bebê, ainda na barriga da mãe o bebê já tem movimentos mesmo que esses sejam involuntários. Com o passar das fases iniciais o cérebro da criança passa por uma maturação do sistema nervoso central onde a criança passa a receber informações e consegue processar o que lhe é informado. Diante desse assunto optou-se por abordar como aperfeiçoar esse desenvolvimento motor na educação infantil, através de algumas citações. Qual será a importância da educação infantil para esse desenvolvimento motor e de que maneira está ligada ao cotidiano dessas crianças de 3 a 4 anos em fase escolar. Através desse trabalho podemos adquirir mais conhecimento sobre o desenvolvimento motor e como é de grande importância saber trabalhar a maneira correta em cada fase esse trabalho foi desenvolvido através da pesquisa bibliográfica descritiva qualitativa para maior

enriquecimento da minha formação acadêmica. Este artigo está estruturado sobre o tema desenvolvimento motor com fundamentos teóricos para ajudar a entender melhor esse desenvolvimento e o quanto é importante na educação infantil. Optando-se pela importância do desenvolvimento motor na educação infantil e como trabalhar em sala de aula esses movimentos, sua importância para cada criança pontuando a melhor maneira de se trabalhar o desenvolvimento motor nessa faixa etária.

## **A IMPORTANCIA QUE O MOVIMENTO MOTOR TEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

A cada fase da vida passamos a desenvolver nossos movimentos e ter domínio sobre eles, mas não sabemos a importância do movimento até que tenhamos domínio sobre ele.

Com o passar das fases o cérebro da criança passa por uma maturação do sistema nervoso central e como o próprio significado já diz é a contínua alteração no comportamento motor do cérebro e é aí que a criança passa a processar e entender melhor as informações que recebe e começa a interagir com o meio que está inserida.

As crianças precisam ser estimuladas a conhecerem e trabalhar seu corpo, pois a partir do momento em que elas têm maior domínio sobre ele começa o processo de aprendizagem.

As crianças passam por quatro fases de desenvolvimento até que cheguem a fase adulta e passam a ter a formação do cérebro completa.

Essas fases são:

**A Fase motora reflexiva** nessa fase entre os 4 meses a 1 ano é o estágio da codificação das informações onde a partir dos reflexos os bebês obtêm informações do ambiente.

**Fase motora Rudimentar** de um aos dois anos nesta etapa as crianças começam a descobrir e explorar suas capacidades motoras

**Fase motora fundamental** é nessa fase entre os 2 e os 7 anos a criança deve ser mais estimulada com seu corpo onde ela passa a seguir a caminha da escola e nesse período devem ser analisados suas habilidades para ter certeza de que não há nenhuma deficiência.

**Fase motora** especializada vai dos 7 aos 14 anos o indivíduo demonstra com habilidades o que lhe foi ensinado nas demais fases e já demonstra domínio próprio de seus movimentos, e já entra para a fase adulta onde processa com clareza tudo que foi ensinado durante as fases da vida.

Uma fase liga a outra e quando se trata de estímulos, devemos ter em mente que os pais também devem participar desse processo de desenvolvimento motor a fim de que esse processo de aprendizado ocorra de forma igual ao que é trabalhado nas escolas.

Quando é trabalhado de maneira lúdica aprimoramento motor nas crianças passam a ter melhor aspectos cognitivos, culturais e sociais, tendo domínio do seu próprio corpo a criança sente mais confiança em desenvolver atividades que lhe são propostas e manipula objetos sem que se sinta inferior aos demais.

Hoje em dia as crianças não brincam mais tão livremente nas ruas a maioria passa o dia dentro de casa atrás de uma tela de computador, ou tv ou até mesmo celulares, isso ocorre devido aos pais não se sentirem mais seguros em deixar seus filhos soltos que seja na calçada de casa, devido a esse fator vemos crianças cada vez mais obesas e sedentárias pois acabam não brincando e se exercitando.

Crianças que na maioria das vezes não conseguem colocar uma meia ou colocar um sapato sem ajuda de um adulto, segurar um copo de água na mão sozinha, pois não receberam esses estímulos em casa, ou pela pressa de ter que ir trabalhar os pais acabam fazendo pelos filhos ou por que se o filho segurar corre o risco de derrubar e sujar, mas esquecem de que atos assim pode prejudicar o filho no seu desenvolvimento, pois tudo é estímulo.

Em uma era em que tudo se torna fácil, mas ao mesmo tempo difícil, pois a família já não tem mais tempo de ensinar movimentos simples e procuram a escola de educação infantil para desde cedo as crianças recebam os estímulos que eles não conseguem mais passar devido a correria, podemos ver isso através do crescimento de escolas de educação infantil no Brasil , o que antes era apenas locais onde os pais deixavam seus filhos para terem onde serem cuidados , enquanto os pais saiam para trabalhar hoje a procura é onde eles irão ter um maior desenvolvimento na aprendizagem tanto da forma cognitiva quanto motora.

Em pesquisa sobre esses estímulos e desenvolvimento onde se pode também constatar a diferença da criança de 3 aos 4 anos que vão para a escola que possuem

uma rotina escolar ativa elas demonstram habilidades de manipular objetos e tem domínio sobre seus corpos.

Quando recebem aprendizado escolar e também continuam a receber estímulos de seus pais em casa, essas crianças conseguem entender com clareza o que diz um adulto, já os que só ficam em casa e quando estão agitados recebem apenas um celular para que não incomode de seus pais que por certas vezes estão cansados do dia de trabalho.

Estamos passando por um período de pandemia onde os pais assim como os professores tiveram de se atualizar e procurar maneiras de ensinar seus filhos, como nem todos conseguem ter direito a um estudo particular os pais por intermédio do professor passaram a ensinar seus filhos. No início ninguém sabia ao certo quanto tempo duraria, muitos pais não levaram a sério estimular suas crianças a participarem das atividades que lhe eram ofertadas, por que para alguns pais a educação infantil nem era tão importante, e descobriram isso durante a pandemia pois viram que é na escola que as crianças gastam energias, aprendem brincando e descobrem seu corpo e suas habilidades.

A maioria dos pais não imaginam como era importante suas crianças estarem nesse âmbito escolar, mas perceberam a falta que faz para a aprendizagem de seus filhos e os que mais sentiram falta de um acompanhamento pedagógico para seus filhos foi a da educação infantil onde as energias estão a todo vapor.

Nessa fase em que os teóricos chamam de pré-operatório é onde a criança representa suas ações nas brincadeiras não sabendo distinguir que lhe é passado seja para coisas boas ou ruins e desse modo se a família for uma família que estimule que ensine a criança ter uma independência ela certamente irá se desenvolver com maior facilidade, agora os pais que apresentam uma certa resistência em dar esse estímulo, a criança cresce muito retida sem conhecimento do que seu corpo é capaz achando que é limitado a ter certos movimentos.

Toda criança deve ser estimulada, mas sempre respeitando suas capacidades de desenvolvimento para que ela perceba o que é capaz, e sinta confiança em quem lhe ensine a descobrir suas habilidades. Onde ela sinta confiança em expressar seus sentimentos e conhecimentos motores.

E assim deve ser o cotidiano elas devem brincar, subir, descer, pular, correr, cair e levantar. Para que seus movimentos fiquem cada vez melhor e possa reproduzi-los com mais facilidade.

A criança nessa idade dos três aos quatro anos já tem por direito assegurada pela lei do Estatuto da criança e do adolescente-ECA, sobre LEI 8.069 DE 13 DE JULHO DE 1990 em seu artigo 54 que afirma o dever do governo em assegurar atendimento em creche e pré-escola, as crianças de 0 a 6 anos, por isso devem estar incluídas no âmbito escolar para que seja trabalhada sua parte motora e também cognitiva para prepara-la para as demais fases da vida escolar.

Já podemos perceber a importância que se tem de trabalhar tanto na vida escolar o desenvolvimento infantil quanto em casa, mas de que maneira o professor trabalha esses desenvolvimentos motores? É isso que muitos pais se perguntam e desconhecem por que acham que seus filhos vão apenas para brincar na escola, que estão lá apenas para que eles possam ir trabalhar, nesse período de quarentena em que o mundo viveu essa pandemia cercados de incertezas e novos desafios acredita-se que muitos pais mudaram essa concepção.

É na escola que as crianças recebem os estímulos para conviver entre outros indivíduos usando diferentes linguagens e aumentando seu próprio conhecimento, mas também o conhecimento do outro, aprende também a brincar diariamente de diferentes maneiras e formas espaços e tempos com várias outras crianças ao redor aumentando sua diversidade cultural. E participam ativamente com outras crianças de atividades de nível infantil.

Assim como ler e escrever, trabalhar o desenvolvimento motor é de grande importância, pois além de ser um processo longo, desenvolver com habilidades esses movimentos é dos primeiros anos de vida até os 6 anos que podemos notar se a criança desenvolveu e aprendeu o que cada fase lhe ensinou. Segundo *TANNI et al* (1988) do início da vida até os 6 anos é que se diz mais sobre um indivíduo.

Diante disso podemos ter noção de como é importante trabalhar e estimular as crianças a desenvolver esse movimento motor, e a escola é o lugar mais propício para isso, pois os professores usam de todo o tempo que estão com as crianças para pôr em prática essas atividades.

As crianças de 3 a 4 anos quando chegam na escola já são mais observadas e estimuladas de acordo com o potencial de cada um, pois já estão com uma capacidade mais elevada. Se forem crianças que já passaram pela vida escolar anteriormente sem dúvida terão mais agilidade e facilidade em desenvolver as atividades propostas do que as crianças que nunca foram a escola. Mas mesmo assim precisam ser analisadas e observadas pelo professor para saber em que a

criança possui mais habilidades, ou qual será sua dificuldade, o professor regente tem mais convívio com a criança em sala e consegue saber mais qual das crianças consegue realizar com destrezas as atividades motoras que lhe são passadas as que se sentem mais confiança em si própria.

Por outro lado, existem crianças que possuem habilidades motoras com perfeição, mas não conseguem se concentrar em fazer determinada atividade que exige concentração é aí que entra o papel pedagógico onde o professor deve elaborar atividades de locomoção, manipulação e concentração que favoreçam as habilidades de cada um respeitando sempre seus limites. O professor terá mais resultados a partir da rotina, onde as crianças passam a fazer diariamente atividades que exercite a atenção e a capacidade motora das crianças, conhecendo seus limites cada criança passa a ter maior entendimento e melhor coordenação.

Nessa fase pré-operatório em que a criança tem uma agitação maior, sente curiosidade por tudo e tem muita energia, ao entrar na escola já consegue cumprir com algumas regras de convivência e rotina escolar.

Algumas crianças quando chegam a escola normalmente ainda precisam de ajuda para ir ao banheiro, outras já fazem sozinhos, mas o professor deve estimular a independência dele, acompanhando todos ao mesmo tempo para que se crie uma rotina e cada um ensine o outro como é importante a independência de cada criança.

Tentar colocar suas meias, mesmo que não consiga, ela deve ter um reforço positivo e por meio da estimulação a fazer mesmo que faça de maneira errada. Mas ao tentar ela irá conseguir perceber que pode melhorar a cada dia e se um coleguinha consegue certamente ela irá conseguir.

Isso tudo exige concentração e treinamento, pois a criança nos primeiros dias se sente constrangida, mas com os passar dos dias ela vai melhorando suas habilidades motoras e vai se sentir mais confiante.

Na sala de aula o professor nos momentos de atividades lúdicas pode trabalhar com atividades que envolva toda a turma ou usar somente uma criança como exemplo para que os demais aprendam observando seus coleguinhos. Normalmente eles disputam entre eles quem conseguira fazer primeiro a atividade proposta.

Quando se trata de atividades impressas algumas crianças conseguem manusear a tesoura e os lápis de cor com facilidade enquanto outras já precisam de

ajuda para manusear esses objetos, essas crianças certamente não foram estimuladas anteriormente cabe ao professor observar se essa criança tem apenas essa dificuldade ou se também apresenta outros níveis de dificuldade. Na maioria das vezes as crianças se sentem mais livres nas aulas de educação física e conseguem se soltar mais nesses momentos que eles acham mais descontraído.

Para o professor de educação física conseguir concentrar todos os alunos em suas atividades motoras ele precisa ter um bom domínio sobre a turma, pois ao chegar na quadra por exemplo a criança vê um enorme espaço e na cabeça dela ela só precisa correr. Mas ao mesmo tempo fica eufórica para participar da aula e mostrar que também consegue fazer.

Essas aulas de educação físicas costumam ser uma ou duas atividades para ver como a criança está se desenvolvendo e trabalhar alongamentos e o resto do tempo a professora deixa livre para que eles possam gastar suas energias.

### **Por que é importante trabalhar o movimento motor nos anos iniciais**

Desde muito cedo a criança deve ser estimulada através de brincadeiras pois é através delas que a criança demonstra a sua realidade, mas de maneira fictícia nas brincadeiras a criança cria um mundo de imaginação através do contexto real que ela vive, um exemplo disso é uma menina vendo a mãe que trabalha fora e tem uma rotina ela nas brincadeiras passa a brincar de ser como a mãe dela, pois é a figura que ela tem de exemplo.

Segundo Kishimoto (2000):

O principal objetivo é dar para a criança um objeto que vá substituir a realidade para que a criança os manipule de forma imaginária, sendo que ela irá demonstrar como vê o ambiente em que está inserido através desse objeto sem deixar de viver o mundo imaginário, com os resultados que tem na sua vida cotidiana.

Desse modo podemos entender que a criança nessa fase da vida ainda não consegue diferenciar o que acontece na sua vida do mundo da imaginação, mas utiliza de suas brincadeiras para falar sobre sua realidade, mas aprende muito durante suas brincadeiras com seus colegas.

Quando a criança passa a ir para a escola, ela passa a receber outros estímulos motores e cognitivos, e descobre outra realidade do mundo exterior e vai descobrindo suas capacidades que seu corpo possui.

Aperfeiçoar esse desenvolvimento motor desde cedo respeitando cada fase é de extrema importância pois quando a criança chega a essa fase dos 3 a 4 anos ela já estará preparada para receber e desenvolver as atividades de uma maneira que não se sinta inferior as outras. Trabalhando esse desenvolvimento motor nessa faixa etária, podemos observar os resultados que são satisfatórios e importantes para a vida infantil

O professor é um grande mediador desse desenvolvimento, pois tem o domínio de identificar como cada criança aprende, o tempo que leva para conseguir aprender a atividade proposta, a maneira que ele compreende uma brincadeira, tudo pode ser usado como ferramenta de avaliação sobre o desenvolvimento motor.

A criança nessa fase tem o adulto como seu exemplo de vida, e leva seus exemplos para as brincadeiras. Quando brincam de casinha, tem exemplo a vida da mãe, levando sua realidade para a maneira mais lúdica e divertida possível.

É sempre bom lembrarmos de que trabalhar o movimento motor desde cedo de maneira lúdica para que a criança aprenda a identificar seu corpo e descobrir o limite de cada um, deixando seus medos de lado e ensinando as delimitações que cada fase tem, mas sempre incentivando a não desistir de buscar conhecimento em cada fase que ela passar.

E fica por conta do professor identificar se a criança está conseguindo se desenvolver corretamente durante essa fase, caso identifique alguma dificuldade motora ou cognitiva deve procurar com cautela providências para identificar o que possa estar acontecendo com ela. Por que o acompanhamento do desenvolvimento motor desde muito cedo permite que a criança desenvolva maiores habilidades na vida adulta.

### **Como trabalhar o desenvolvimento motor com crianças de 3 a 4 anos**

Vivemos em um século em que as famílias tem um cotidiano corrido, onde as crianças começam desde muito cedo a ir a escola, seja ela pública ou privada. A educação infantil tem crescido muito no Brasil, devido aos pais precisarem trabalhar e deixam seus filhos desde muito cedo na escolinha.

A oferta e procura pela educação infantil tem sido muito maior pois os pais confiam mais em deixar em escolinhas do que com terceiros, e sabem que seu filho

estará aprendendo e se desenvolvendo mais estando inserida num contexto pedagógico.

As escolas que oferecem o pedagógico na educação infantil se sobressaem entre as que não oferecem atividades para as crianças, por que elas recebem estímulos motores e cognitivos, como muitas coisas parecem ser simples se a criança não receber estímulos ela certamente levará mais tempo para realizar aquela atividade que para um adulto pareça ser muito fácil.

Trabalhar com essas crianças devem ser com atividades lúdicas e fáceis como incentivar a calçar seu próprio sapato, abrir e fechar a cola que irá colar uma atividade em sala de aula, abrir o suco na hora do lanche e colocar o canudo no suquinho, o que para muitos se torna difícil no início do ano.

Cabe ao professor procurara atividades que estimulem as crianças a descobrirem seu corpo, cuidar da sua saúde física, cuidar de sua higiene e para isso existe tantas atividades lúdicas que levam as crianças a aprenderem melhor e a mostrar o que aprenderam.

Cada atividade que lhe são propostas em que a criança possa sentir, tocar, e manipular torna mais clara a aprendizagem, onde ela consegue reproduzir o que aprendeu.

Por isso é de extrema importância as crianças manipularem massinhas, apertar o prendedor, que seja na hora de pendurara uma atividade no quadro ela já está trabalhando a coordenação motora.

Através da rotina da sala de aula, a criança vai trabalhando movimentos e desenvolvendo e aperfeiçoando no dia a dia em sala de aula, um exemplo disso é retirar a agenda de dentro da mochila, a pasta de atividades que foi para casa e entregar ao professor, pegar o suco e a fruta e levar na bandeja que vai para a geladeira, o ir ao banheiro com um coleguinha que tem mais dificuldade, trabalhar a independência nessa fase é fundamental para se adquirir um bom desenvolvimento motor.

As aulas de educação física servem para aperfeiçoar ainda mais os movimentos que são trabalhados com a professora regente dando continuidade ao trabalho, estimulando o correr, o pular, agachar e dançar, nessas aulas as crianças liberam mais energia e expressam mais seus sentimentos conhecendo seus limites e sabendo até onde seu corpo aguenta ir.

Os professores de educação física trabalham equilíbrio e destreza onde as crianças caminham em cima de um banco alto onde algumas consegue fazer sem ajuda enquanto outros ainda precisam de ajuda para executar essa atividade.

Trabalhar a coordenação motora na infância é de extrema importância para que quando adulto ele possa realizar atividades como pegar, pular, correr, recortar, amarrar um cadarço ou caminhar em uma linha reta não seja uma tarefa difícil, muitos adultos sofrem por falta de estimulação da coordenação motora quando criança.

Para isso precisamos sempre estimular nossas crianças a explorarem seus movimentos através de jogos e brincadeiras, pois a ludicidade facilita o desenvolvimento pessoal, a criatividade proporcionando um desenvolvimento agradável e amigável para essas crianças deixando a aprendizagem mais fácil.

Com base nesse referencial teórico podemos crer que se um professor ensinar uma criança de maneira lúdica terá resultados mais satisfatórios, pois quando uma criança é estimulada de forma precoce a realizar certos movimentos motores com mais rapidez ela entenderá o que lhe é proposto.

A criança precisa receber estímulos tanto para a fala como para o movimento, e o professor como mediador dessas crianças podem trabalhar com eficácia para esse desenvolvimento ser mais satisfatório e prazeroso para essas crianças.

Para trabalhar de forma lúdica tantos nas aulas de educação física trabalhando o movimento do corpo, nas aulas de musicalização trabalhar o movimento e a percepção, nas aulas de artes podemos trabalhar de forma de teatro as histórias que são cotadas, pois as crianças aprendem mais quando conseguem visualizar essas historinhas.

Nas brincadeiras as crianças descobrem ainda mais sobre o seu corpo, através de desafios elas se sentem mais instigadas a tentar, a não desistir por que o colega conseguiu também consegue e as brincadeiras são o modo básico que as crianças tomam consciência do seu corpo e de suas capacidades.

Segundo Kishimoto (2002), "O brincar contribui para a aprendizagem da linguagem por que para ser capaz de falar sobre o mundo elas precisam compreender o mundo"

As crianças quando chegam em sala trazem informações que trouxeram de casa, algumas mais estimuladas que as outras, com o passar dos dias a convivência vai trazendo mais informação e aprendizado pois o professor é o exemplo que eles

têm, por isso o professor precisa ter um carisma para lidar e ensinar a criança a se descobrir. E eles entendem esse mundo através das atividades e brincadeiras que lhe são apresentadas.

É no dia a dia com a professora que eles irão se descobrindo e aprendendo a viver em sociedade, aprendendo a rotina da sala e a conviver em um ambiente diferente do que tenha sido apresentado até então.

Na escola se aprende a ler a escrever, mas é na educação infantil que se aprende a se descobrir e a se desenvolver corporalmente, para que tenha domínio sobre seu corpo a conviver com outras culturas para aprender a viver em sociedade, por isso é muito importante que desde pequeno a criança tenha esse contato com outras crianças para aprender a conhecer um mundo onde ela pode expressar e compreender outras formas de conhecer o mundo.

Portanto o desenvolvimento motor deve ser observado e estimulado para que tenha domínio do seu corpo e consiga passar por cada fase da sua vida de maneira mais simples sem ter tanta dificuldade para desenvolver os problemas que chegarão com o passar dos anos.

## **METODOLOGIA**

A referida pesquisa trata-se de uma pesquisa bibliográfica descritiva com uma abordagem qualitativa onde mostra com detalhes e citações teóricas sobre o desenvolvimento motor e suas fases e a importância dos estímulos na educação infantil, onde a ludicidade nos mostra que a criança aprende muito mais enquanto brinca.

Segundo Kishimoto (2011):

É importante valorizar os jogos na educação, ou seja, brinquedos e brincadeiras como formas privilegiadas de desenvolvimento e apropriação do conhecimento pela criança e, portanto, instrumentos indispensáveis da prática pedagógica e componente relevante de propostas curriculares.

Baseando-se nesse teórico, podemos ter a convicção da importância que tem de ensinar nossas crianças a aprenderem brincando na educação infantil.

Para essa pesquisa foram utilizados dados de investigação em sites, livros e periódicos para que se tenha uma base de como é importante o desenvolvimento

motor na vida das crianças e como é fundamental conhecer os limites de cada um para então poder começar a trabalhar o desenvolvimento motor.

Cada criança vive uma realidade diferente, e quando chega na escola algumas demonstram maiores habilidades motoras outras já não, e cabe ao professor identificar essas habilidades e também as dificuldades.

Não podendo deixar de estimular a criança em casa mesmo que ela ainda não tenha acesso a escola os pais também podem trabalhar suas coordenações motoras em casa, ensinado onde fica as partes do corpo através de uma musiquinha ou uma brincadeira. O estímulo deve vir de casa, mas se não tiver fica por conta do professor trabalhar de maneira que a criança aprenda a conhecer seu corpo e seus limites.

É nos jogos e nas brincadeiras que as crianças agem como se fosse maior que a sua realidade e demonstram mais interesse em aprender e mostrar que aprendeu e isso contribui de forma clara para seu desenvolvimento.

Diante disso sabemos qual a grande importância de estimular desde cedo nossas crianças para que quando chegar na fase de 3 a 4 anos ela tenha maior domínio e conhecimento do seu corpo sabendo até que ponto ela consegue exercer as atividades que lhe são propostas.

Trabalhando com o lúdico podemos identificar como o desenvolvimento motor passa a ser mais claro de forma que a criança consiga entender e aprender a se descobrir.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Abordamos nessa pesquisa o tema desenvolvimento motor e suas fases e a importância de cada fase aonde as crianças recebem estímulos corretos respeitando seus limites.

Sabemos que o movimento motor está interligado ao movimento cognitivo e visual e que a criança desenvolve maior habilidades quando consegue visualizar e reproduz com facilidade o que lhe é apresentado. Mas tudo depende de como o professor mediara esse aprendizado para que a criança aprenda primeiro a gostar do que está vendo para depois reproduzir como foi ensinado. Cabe os mediadores tratar e ensinar com amor, pois dependem dos nossos estímulos para dar continuidade a cada fase do desenvolvimento motor.

Durante essa pesquisa foi possível fundamentar o que dizem os teóricos a respeito do aprender brincando e descobrir como uma criança consegue reproduzir a realidade de maneira lúdica. Que para que ela entenda o que o professor gostaria de lhe passar ela precisa primeiramente conhecer a si mesmo e suas limitações para então poder reproduzir com facilidade seus movimentos motores.

Cabe ao professor contribuir para que esse desenvolvimento seja de qualidade observando cada criança e como ela se desenvolve em sala de aula, para ter certeza de que ela consegue desenvolver atividades de cada faixa etária, deixando claro de que a criança é capaz e confia nela.

Fica evidente nessa pesquisa de que o papel do professor é de mediar de maneira lúdica o aprendizado e o desenvolvimento motor, através das brincadeiras, atividades de manipulação, movimentos, trazendo a realidade e coisas de fácil acesso que as crianças tem em casa para que elas sabiam manipular respeitando cada fase, mas sem deixar de lado o estímulo de praticar e desenvolver as habilidades de cada fase.

Algumas crianças mostram capacidades maiores que as outras, talvez por serem mais estimuladas ou por algum fator cognitivo, mas o fato é que quanto mais a criança receber estímulos, maiores serão suas habilidades motoras. Se trabalharmos através da brincadeira com as crianças elas deixaram de lado o que lhe prende, e aprenderam com mais empenho e dedicação e reproduzirão de maneira mais satisfatória o que lhe foi ensinado.

## REFERENCIAS

KISSHIMOTO, Tizuko Morchida (org): O brincar e suas teorias. 1.ed. São Paulo Pioneira Thomson Learning ,2002

KHISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org). Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TANI, G; FREUDENHEIM, AM; MEIRA JUNIOR C.M.de Corrêa U.C : Aprendizagem motora. Ver.paul.educ.Fis., São Paulo.supl.3, p.55-61,2000.

BRASIL Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília.

**CAPÍTULO VI - OS JOGOS COMO ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS NA  
APRENDIZAGEM DE CONTEÚDOS MATEMÁTICOS (ANDREIA RODRIGUES  
VIANA SILVA)**

# **OS JOGOS COMO ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS NA APRENDIZAGEM DE CONTEÚDOS MATEMÁTICOS**

Andreia Rodrigues Viana Silva

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade do Estado de Mato Grosso e Universidade Aberta do Brasil, Polo de Colíder-MT, como requisito regulamentar obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

## ***DEDICATÓRIA***

Dedico à Deus primeiramente a ele. Dedico ao meu esposo que sempre me acompanhou. Dedico à minha Mãe que sempre me incentivou.

## ***AGRADECIMENTOS***

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida e por ter me proporcionado chegar até aqui. Agradeço ao meu esposo que me incentivou todos os anos que estive na faculdade. A minha Mãe que mesmo distante me apoiou indiretamente e contribuiu para que este trabalho se realizasse. A minha tutora Luciléia Santos Freire, que tanto fez por mim. As minhas amigas Rosilda e Rosieni, pelo companheirismo. Enfim, agradeço a todas as pessoas que fizeram parte dessa etapa decisiva em minha vida. Obrigada Deus.

## ***EPÍGRAFE***

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.”

(Paulo Freire)

## **RESUMO**

Esta pesquisa é um estudo que tem por tema os jogos como estratégias metodológicas na aprendizagem de conteúdos matemáticos, tendo como objetivo geral é de analisar como o brincar ajuda o aluno no seu processo de ensino aprendizagem, e em relação aos objetivos específicos buscam verificar como o jogo e o brincar mudam significativas no desenvolvimento infantil, abordar discussões sobre as atividades lúdicas que são alternativas metodológicas facilitadoras do

aprendizado da criança, identificar o desenvolvimento das áreas psicomotoras, perceptivas, de atenção, raciocínio e estimulação para o contato com os objetos, associar as atividades lúdicas aos objetivos da formação integral, no intuito de proporcionar a aprendizagem, devendo ser articuladas de forma integrada, conforme a realidade sociocultural da criança, seu estágio de desenvolvimento e o processo de construção de conhecimentos. Essa pesquisa foi dividida em duas etapas, onde na primeira etapa foi realizado um levantamento bibliográfico com os autores, podendo destacar alguns utilizados como D' Ambrosio, Freire, Ghelli, Santos e Oliveira, Santos e Jesus entre outros. A metodologia se deu da seguinte maneira com uma entrevista com professores de uma escola municipal, onde se buscou os resultados em campo sobre o tema proposto. Diante do exposto, os jogos e brincadeiras matemáticos requerem um trabalho contínuo do professor em sala de aula.

**Palavras-chaves:** Brincadeira, Jogo, Matemático.

### **ABSTRACT**

This research is a study that has the theme of games as methodological strategies in the learning of mathematical contents, whose general objective is to analyze how play helps the student in his teaching learning process, and in relation to the specific objectives seek to verify how the play, and play significant changes in child development, address discussions about playful activities that are methodological alternatives that facilitate children's learning, identify the development of the psychomotor, perceptual, attention, reasoning and stimulus areas for contact with objects, associate activities to the objectives of the integral formation, in order to provide the learning, having to be articulated in an integrated way, according to the socio-cultural reality of the child, its stage of development and the process of knowledge construction. This research was divided in two stages, where in the first stage a bibliographical survey was carried out with the authors, being able to highlight some used as D 'Ambrosio, Freire, Ghelli, Santos and Oliveira, Santos and Jesus among others. The methodology was as follows with an interview with teachers of a municipal school, where the results were searched in the field on the proposed theme. In view of the above, mathematical games and games require a continuous work of the teacher in the classroom.

**Keywords:** Play. Game. Mathematical.

### **LISTA DE SIGLAS**

**PCNs** - Parâmetros Curriculares Nacionais  
**UAB** – Universidade Aberta do Brasil  
**UNEMAT** – Universidade do Estado de Mato Grosso  
**MEC** - Ministério de Educação e Cultura  
**CNPJ** – Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica

### **INTRODUÇÃO**

Ao jogar, a criança representa elementos da literatura infantil, como príncipe, papai, cavaleiro, bruxo, médico e entre outros, essa representação lúdica é vivida intensamente e lhe dá prazer ou desprazer, apesar do intenso envolvimento, a criança não perde a noção da realidade em que vive.

Nesse trabalho busca-se analisar o ensino de matemática tendo os jogos como recursos metodológicos, procuramos ainda apontar que se os jogos forem

intencionalmente utilizados pelo professor, além de propiciar o “aprender brincando”, como dizia Platão, auxilia o aluno no desenvolvimento da linguagem matemática, bem como no desempenho de estratégias de resolução de problemas e também desenvolver raciocínio lógico.

Uma possibilidade para este “fazer matemática”, como defendem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998) de Matemática para o Ensino fundamental, Lara (2003) e Smole (2007) é a exploração de jogos com a intervenção adequada do professor, que deve desafiar o aluno a elaborar estratégias, testá-las e confirmá-las ou reformulá-las, percorrendo o caminho da problematização, visando vencer o jogo, isto é, resolvendo o problema. Para que tudo isso aconteça, o jogo vem como um recurso didático para “descomplexar” essa disciplina, vista como “maçante” por uma grande maioria de estudantes. Com esse propósito, o educando passa a desempenhar papel ativo na construção de seu conhecimento, rompendo barreiras e vencendo desafios, desenvolvendo raciocínio e autonomia, além de interagir com seus colegas de classe.

Jogos e brincadeiras utilizados como estratégias metodológicas de ensino são atividades que proporcionam prazer durante à aprendizagem de conteúdos matemáticos, capazes de trazer benefícios do ponto de vista físico, intelectual e social. Cognitivamente, pode-se evidenciar a importância do brincar e do jogo, como o desenvolvimento da operatividade e da elaboração do pensamento lógico.

Essa pesquisa é fundamental, para expor a realidade encontrada para a sociedade, por meio de pesquisa aprofundada se encontra de futuros docentes, pois cria uma atmosfera de conhecimentos que podem transformar nosso dia a dia. Como futuros docentes, num processo de ensino aprendizagem que se desenvolve em planejamentos, atividades e construção de uma didática mais elaborada e objetiva. Além disso, a temática em estudo é de extrema importância no ensino de conteúdos matemáticos de forma mais agradável, quebrando um pouco do “medo” da disciplina de matemática que, às vezes é temida por muitos educandos.

A pergunta central que essa pesquisa procura responder é: “Ao utilizar o lúdico no ensino de matemática, o aluno consegue aprender e compreender os conteúdos propostos pelo professor?”

Especificamente procurou-se verificar como o jogo e o brincar promovem mudanças significativas no desenvolvimento infantil, abordar discussões sobre as

atividades lúdicas, associar as atividades lúdicas aos objetivos da formação integral do aluno.

Este estudo será realizado mediante pesquisas bibliográficas em diversos livros, revistas, sites da internet e os módulos do curso de graduação em Pedagogia da UAB/UNEMAT, e realização de entrevistas com professores da educação infantil e ensino fundamental da Escola Municipal Professora Ivanira Moreira Junglos.

A pesquisa bibliográfica consiste no exame da literatura científica para levantamento e análise do que já se produziu sobre determinado tema. (LAKATOS e MARCONI, 2009).

Esse tipo de pesquisa é fundamental para qualquer e toda pesquisa científica e parte do domínio da bibliografia especializada da área. A bibliografia retrospectiva e/ou atualizada caracteriza a relevância de determinadas áreas do conhecimento. Através dela o pesquisador arregimenta conhecimento suficiente e necessário sobre o que já foi publicado sobre um assunto, atualizando-se sobre o tema, evitando-se duplicação de pesquisas, acusações de plágio, redescobertas e perda de tempo; (DEMO, 1994, p.45).

A pesquisa será realizada na Escola Municipal Professora Ivanira Moreira Junglos, com professores da educação infantil, num total de 05 (cinco) professores.

A escola que serve de espacialidade para a realização dessa pesquisa está situada à rua Coxipó, 823, Centro de Colíder/MT. Essa instituição oferta a Educação Infantil e Ensino fundamental II, nos períodos matutino e vespertino, respectivamente, um total de 550 (quinhentos e cinquenta) alunos.

Após a realização da coleta dos dados foi realizado a sistematização dos mesmos confrontando com ideais de pesquisadores/estudiosos no assunto para melhor compreensão da temática e sua importância no fazer pedagógico dos professores e na vida escolar desses educandos.

## **I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **1 A IMPORTÂNCIA DA LUDICIDADE NO ENSINO DE MATEMÁTICA**

#### **Uma Concepção de Educação Matemática**

Quando se entende a matemática como construção humana que expressa o modo do ser humano mobilizar, explorar e produzir ideias matemáticas com o intuito de explicar a realidade, resolver problemas, produzir tecnologias e conviver em harmonia com o ambiente. O termo matemática vem do grego que significa aprendizagem, embora que cada civilização ao longo da história da humanidade tenha dado o seu significado a essa ciência.

Como ressalta D'Ambrósio (1990, p. 10) que:

A matemática é, desde os gregos, uma disciplina de foco nos sistemas educacionais, e tem sido a forma de pensamento mais estável da tradição mediterrânea que perdura até os nossos dias como manifestação cultural que se impôs incontestada, às demais formas. Enquanto nenhuma religião se universalizou, (...), a matemática se universalizou, deslocando todos os demais modos de quantificar, de medir, de ordenar, de inferir e servindo de base, se impondo como o modo de pensamento lógico e racional que passou a identificar a própria espécie. Do Homo Sapiens se fez recentemente uma transição para o Homo Rationalis. Este último é identificado pela sua capacidade de utilizar matemática, uma mesma matemática para toda humanidade e, desde Platão, esse tem sido o filtro utilizado para selecionar lideranças. (D'AMBRÓSIO, 1990, p.10).

Hoje, a realidade das escolas demonstra que o ensino universal, de acordo com a citação acima, é frequentemente tido como uma difícil tarefa. Para Libâneo (1985, p. 19) “[...]o modo como os professores realizam seu trabalho, selecionam e organizam os conteúdos escolares, ou escolhem as técnicas de ensino e a avaliação, tem a ver com pressupostos teórico-metodológicos, explícita ou implicitamente.”. Um dos aspectos responsáveis por tal visão é a falta de clareza do papel dessa disciplina de matemática no amplo corpo de conhecimentos sistematizados, visto ser o ensino vinculado aos anseios sociopolíticos, ideológicos e econômicos da sociedade.

Como argumenta Ghelli, Santos e Oliveira:

A aprendizagem construída a partir das especificidades globais dos alunos, desde suas condições físicas, biológicas, mentais e sociais, poder-se-á proporcionar melhores oportunidades de estudo e de aprendizagem, despertando os alunos tanto para a variedade das motivações, reflexões e discussões para o que se pretende aprender, como a interação dessa aprendizagem em todas as áreas da vida social. (GHELLI; SANTOS; OLIVEIRA, 2015, p.17).

Nesse sentido, as propostas de ensino e aprendizagem sempre estão ligadas às necessidades econômicas, políticas e sociais. Cabe ao professor decidir a favor do quê e para quem está voltada sua práxis, se é conivente com o modelo de sociedade atual ou se mudançassão necessárias.

Para Varriale e Trevisan:

Enfim, são diversas as novas abordagens que poderão ser sugeridas por algum professor, em substituição à abordagem atualmente por ele utilizada, e que tem se mostrado ineficiente no ensino de determinado conteúdo, para um grupo de alunos sob sua responsabilidade. Cabe ressaltar que a eficiência de uma ou outra abordagem poderá diferir, dependendo do grupo de alunos envolvidos. Caberá ao professor reconhecer a necessidade de adotar uma nova abordagem, ou não, dependendo do resultado alcançado. (VARRIALE; TREVISAN, 2012, p.27).

Hoje é comum encontrar estudantes e até mesmo professores que utilizam os termos Matemática e Educação Matemática como tendo o mesmo significado e a mesma concepção. Contudo, trata-se de um pensamento equivocado que revela o desconhecimento diante dessas duas áreas do conhecimento, conforme podemos visualizar nos PCNs:

[...], a Matemática pode dar sua contribuição à formação do cidadão ao desenvolver metodologias que enfatizem a construção de estratégias, a comprovação e justificativa de resultados, a criatividade, a iniciativa pessoal, o trabalho coletivo e a autonomia advinda da confiança na própria capacidade para enfrentar desafios. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998, p.27).

De acordo com D'Ambrósio (1993), a Educação Matemática constitui-se como um ramo da Educação uma vez que não se pode tirá-la de seu convívio muito natural junto às demais áreas educacionais. Caracteriza-se ainda como uma especialização da matemática, já que é um de seus campos de aplicação. Firma-se no meio docente como sendo o estudo e o desenvolvimento de técnicas e modos mais eficientes de se ensinar matemática ou ainda estudos de ensino e aprendizagem matemática.

Para Rosada:

A matemática forma cidadãos para a vida profissional e uma relação com o meio social. O professor deve ser um pesquisador intencional manter uma relação da sua metodologia com a realidade dos alunos, observando quais os seus interesses, para ter uma relação entre a aprendizagem e o conhecimento matemático do aluno. (ROSADA, 2013, p.16).

Por sua vez, o educador matemático busca o desenvolvimento do conhecimento, dos métodos e das práticas pedagógicas que atendam ao aluno de forma integral. Para tanto, utiliza-se métodos interpretativos e analíticos próprios das ciências sociais e humanas, que consideram aspectos sociais, culturais, históricos, epistemológicos e psicológicos tanto dos alunos quanto dos professores. Dessa forma, cabe ao matemático.

[...] o matemático tem de conceber a matemática com um meio ou instrumento importante à formação intelectual e social de crianças, jovens e adultos e também do professor de matemática do ensino fundamental e médio e, por esse motivo, tenta promover uma educação pela matemática. Ou seja, o educador matemático, na relação entre educação e matemática, tende a colocar a matemática a serviço da educação, priorizando, portanto, esta última, mas sem estabelecer uma dicotomia entre elas. (FIORENTINI; LORENZATO, 2006, p. 3-4).

Desse modo, nesse estudo procuramos explorar como a prática pedagógica que envolve o domínio do conteúdo específico (matemática) e o domínio de ideias e processos pedagógicos relativos à transmissão/assimilação auxilia na apropriação/construção do saber matemático escolar.

## **O Ensino de Matemática como Meio de Compreensão e Transformação da Realidade**

Na atual sociedade, a interpretação crítica de informação e a sua utilização de modo adequado tornam-se cada vez mais necessárias. Partindo desse princípio, o cidadão deve ser capaz de interpretar e transformar sua realidade, desenvolver estratégias pessoais e utilizar-se de recursos tecnológicos para resolver situações-problema, bem como trabalhar de maneira coletiva e cooperativa, entre outras capacidades.

Segundo Duarte:

A Matemática está muitas vezes associada a uma disciplina difícil e os alunos vêm-na como um “bicho-de-sete-cabeças”. Contudo, esta é fundamental para o nosso dia-a-dia, uma vez que, além de estarmos sempre a usá-la, cada vez mais se tentam formar cidadãos matematicamente literados, que intervenham criticamente na sociedade que os rodeia. (DUARTE, 2011, p.06).

O conhecimento matemático desempenha um papel decisivo na formação de cidadãos capazes de compreender e se comunicar na sociedade. A realidade das escolas brasileiras demonstra que o ensino dessa ciência universal é frequentemente tido como uma difícil tarefa. Um dos aspectos responsáveis por tal visão é a falta de clareza do papel dessa disciplina no amplo corpo de conhecimentos sistematizados, visto ser o ensino vinculado aos anseios sociopolíticos, ideológicos e econômicos da sociedade. Sobre esse assunto, Libâneo (1985, p.19), preleciona que” [...] o modo como os professores realizam seu trabalho, selecionam e organizam os conteúdos escolares, ou escolhem as

técnicas de ensino e avaliação, tem a ver com pressupostos teórico-metodológicos, explícita ou explicitamente”.

Nesse sentido, as propostas de ensino e aprendizagem sempre estão ligadas às necessidades econômicas, políticas e sociais. Cabe ao professor decidir a favor do quê e para quem está voltada sua práxis, se é conivente com o modelo de sociedade atual ou se mudanças são necessárias.

De acordo com Rosada:

O professor é o sujeito da ação, que conduz a aprendizagem com novos significados na sua prática, fazendo com que o discente compreenda e enfrente as dificuldades com as quais se depara no dia a dia, no sentido em que melhore a qualidade do ensino e o rendimento escolar. (ROSADA, 2013, p.28).

Com essa visão, a aprendizagem matemática na sala de aula passa a ser entendida como um momento de interação entre a matemática organizada pela comunidade científica e a matemática como atividade humana. Entretanto, historicamente, ainda existe a crença.

Como bem expõem Carranher e Schliemann:

[...] de que a matemática pode classificar os alunos em mais inteligentes e menos inteligentes, ou os que sabem raciocinar ou os que não sabem. No entanto a matemática escolar é apenas uma das formas de se fazer matemática. Muitas vezes, entre os alunos que não aprendem na aula estão alunos que usam a matemática na vida diária, vendendo em feiras ou calculando e repartindo lucros. (CARRANHER; SCHLIEMANN, 2006, p.01).

Romper com o paradigma apresentado nessa citação de classificação dos alunos em mais ou menos inteligentes, se caracteriza como fundamental da função do professor. O processo de ensino e aprendizagem da matemática inicia-se a partir da intuição e, progressivamente, aproxima-se da dedução, tal como os estágios definidos por Piaget. Tal forma não reconhece qualquer tentativa de raciocínio meramente mecânico ou decorativo, como os que estão habituados a apresentar na sala de aula.

Conforme assinala Rosada:

A sociedade visa nos dias de hoje pessoas bem mais informadas, devido às facilidades na informatização, que realizem cálculos com mais agilidade e rapidez. Mas temos uma geração de jovens imediatistas que não querem pensar, querem tudo pronto e acabado. Estamos em uma sociedade na qual a concorrência está cada vez mais competitiva e o melhor é aquele bem preparado. (ROSADA, 2013, p.14).

A matemática é uma construção humana intimamente ligada à busca de soluções de problemas cotidianos, a busca de respostas para compreensão da realidade em compreender os aspectos constituintes do processo de ensino e aprendizagem de matemática.

De acordo com Muzzi:

(...) não é hora de buscarmos ressignificar a Matemática com a qual trabalhamos? (...) Não é hora de buscarmos uma Matemática que instrumentalize o cidadão para atuar e transformar a realidade em que vive? Uma Matemática crítica, que o ajude a refletir sobre as organizações e relações sociais? Uma Matemática próxima da vida, útil, compreensível, reflexiva? Uma Matemática que não se mostre perfeita, infalível, mas que seja capaz de ajudar a encontrar soluções viáveis? (MUZZI, 2004, p. 39).

Diante desse posicionamento, fica claro que o ensino de matemática na atualidade não deva desenvolver no educando apenas a capacidade de interpretar como essa disciplina pode influenciar sua visão de mundo, e sim possibilitar uma compreensão das coisas que estão a sua volta, de maneira sistematizada.

Segundo Toledo e Toledo:

Alguns professores consideram que, sendo a matemática uma ciência hipotético-dedutiva, deve ser apresentada dessa maneira desde as fases iniciais. Assim, exigem das crianças um nível de abstração e formalização que está acima de sua capacidade, pois os quadros lógicos de seu pensamento não estão desenvolvidos suficiente. A saída encontrada pelos alunos é memorizar alguns procedimentos que lhes permitem chegar aos resultados exigidos pelo professor. (TOLEDO; TOLEDO, 1997, p. 12).

A matemática apresentada dessa forma, não é capaz de atrair a atenção do educando e nem despertar o prazer em estudar essa disciplina, sendo que o educando aprende mais com a interação de objetos concretos.

Um aprendizado matemático significativo só é possível quando o educador possibilita situações que envolvem os educandos, criando na sala de aula um ambiente interessante e desafiador durante as aulas. Para tanto, esse processo deve ser contínuo, auxiliado pelas inovações tecnológicas.

## **O lúdico no ensino de matemática**

As brinquedotecas inicialmente foram criadas para o empréstimo de brinquedos e evoluíram conforme as necessidades dos países, e a partir desta expansão passaram a prestar autor “a privação move trabalho; o jogo é movido pela satisfação. No trabalho há privação; no jogo há sobra”.

O jogo ao ocorrer em situações sem pressão, em atmosfera de familiaridade, segurança emocional e ausência de tensão ou perigo proporciona condições para aprendizagem das normas sociais em situações de menor risco. A conduta lúdica oferece oportunidades para experimentar comportamento que, em situações normais, jamais seriam tentados pelo medo do erro ou punição (KISHIMOT *apud* CARDOZZO; VIEIRA,2007, p. 94).

Inspirado em Vygotsky Carneiro (1996), o brinquedo fornece a estrutura básica para as mudanças das necessidades e da consciência. O desenvolvimento da criança é determinado pela ação na esfera imaginativa, pela criação de intenções voluntárias, pela formação de planos da vida real e pelas motivações volitivas.

Percebe-se nesta concepção de Vygotsky que o jogo como social por sua origem e sua natureza, constitui-se num modo de assimilar e recriar a experiência social e cultural dos adultos. Isto quer dizer que o jogo de *faz-de-conta* se constitui uma atividade na qual as crianças procuram compreender o mundo e as ações humanas nas quais se inserem no cotidiano.

O trabalho, com jogos matemáticos liberam os educandos de tarefas exaustivas e auxilia a investigação matemática, ampliando as possibilidades de raciocínios lógicos capazes de contribuir de forma qualitativa no ensino-aprendizagem de estudantes de todas as faixas etárias.

No Brasil, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Matemática (PCN's.), do Ministério de Educação e Cultura (MEC), em relação à inserção de jogos no ensino de Matemática, pontuam que estes:

Constituem uma forma interessante de propor problemas, pois permitem que estes sejam apresentados de modo atrativo e favorecem a criatividade na elaboração de estratégias de resolução de problemas e busca de soluções. Propiciam a simulação de situações-problema que exigem soluções vivas e imediatas, o que estimula o planejamento das ações (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DE MATEMÁTICA, 1998, p. 46).

As estratégias definidas para abrir caminho ao ensino da matemática, apoiadas numa forma lúdica de ensinar, o jogo veio como um recurso didático para descomplexar essa disciplina, vista como “maçante” por uma grande maioria de estudantes. Com esse propósito, o educando passa a desempenhar papel ativo na construção de seu conhecimento, rompendo barreiras e vencendo desafios,

desenvolvendo raciocínio e autonomia, além de interagir com seus colegas de classe.

De acordo com Lara:

Os jogos, ultimamente, vêm ganhando espaço dentro de nossas escolas, numa tentativa de trazer o lúdico para dentro da sala de aula. A pretensão da maioria dos professores com a sua utilização é a de tornar as aulas mais agradáveis no intuito de fazer com que aprendizagem se torne algo fascinante. Além disso, as atividades lúdicas podem ser consideradas como uma estratégia que estimula o raciocínio, levando o aluno a enfrentar situações conflitantes relacionadas com o seu cotidiano. (LARA, 2003, p. 21).

Para tanto, jogos e brincadeiras devem ser utilizados com o intuito de ajudar os educandos a superar bloqueios que existem na aprendizagem de conteúdos matemáticos com o propósito de desenvolver o raciocínio lógico.

Segundo Smole, numa visão lúdica:

Todo jogo por natureza desafia, encanta, traz movimento, barulho e uma certa alegria para o espaço no qual normalmente entram apenas o livro, o caderno e o lápis. Essa dimensão não pode ser perdida apenas porque os jogos envolvem conceitos de matemática. Ao contrário, ela é determinante para que os alunos se sintam chamados a participar das atividades com interesse. (SMOLE, 2007, p. 10).

Além de ser um objeto sociocultural em que a Matemática está presente, o jogo é uma atividade natural no desenvolvimento dos processos psicológicos básicos; supõe um “fazer sem obrigação externa e imposta”, embora demande exigências, normas e controle.

Smole (2007), afirma que:

Por permitir ao jogador controlar e corrigir seus erros, seus avanços, assim como rever suas respostas, o jogo possibilita a ele descobrir onde falhou ou teve sucesso e por que isso ocorreu. Essa consciência permite compreender o próprio processo de aprendizagem e desenvolver a autonomia para continuar aprendendo. (SMOLE, 2007, p. 10).

Diante disso, fica claro que as brincadeiras/jogos promovem o desenvolvimento de capacidades importantes que a criança levará consigo em todas as etapas de sua vida, como a atenção, imitação, imaginação, interação socialização e obediência às regras sociais.

Brenelli diz que:

Outro motivo para a introdução de jogos nas aulas de Matemática é a possibilidade de diminuir bloqueios apresentados por muitos de nossos alunos que temem a Matemática e sentem-se incapacitados para aprendê-la. Dentro da situação de jogo, onde é impossível uma ajuda passiva e a motivação é grande, notamos que, ao mesmo tempo em que estes alunos falam Matemática, apresentam também um melhor desempenho e

atitudes mais positivas frente a seus processos de aprendizagem. (BRENELLI, 1996, p. 23).

Diante disso, os jogos devem ser utilizados com o intuito de ajudar os educandos a superar bloqueios que existem na aprendizagem de conteúdos matemáticos.

Segundo Parolin e Salvador (2002), a matemática tem sido, e continua sendo a campeã dos impropérios; é muito notável a resistência à aprendizagem dessa disciplina, apesar de seu uso no dia a dia de todos os cidadãos, como por exemplo, fazer contas, reconhecer formas geométricas, diferenciar numerais, usar conceitos estatísticos, grandezas, medidas etc.

Para que tudo isso se concretize, o educador deve ver os jogos como meios e não fins, mas meios que completam seus planos de aulas dando sentido as mais complexas atividades matemáticas, principalmente quando a proposta estiver atrelada à ludicidade, tendo como base, o jogo.

## **II – OS JOGOS E BRINCADEIRAS UTILIZADOS DE FORMA LÚDICA EM SALA DE AULA**

De acordo com Demo (1994) esse tipo de pesquisa de campo é fundamental para qualquer e toda pesquisa científica, pois parte do domínio do estudo de revisão bibliográfica especializada da área a ser estudada.

No primeiro momento escolheu-se o tema a ser debatido, depois foi realizada a organização de todo o material bibliográfico e iniciamos as leituras, fazendo citações e referenciando os principais autores que defendem a temática em pauta.

Em outro momento, a pesquisa foi desdobrada de forma quantitativa, organizando uma entrevista com professores da Educação Infantil e Ensino Fundamental da Escola Municipal Professora Ivanira Moreira Junglos, num total de 05 (cinco) professores da Educação Infantil, com questões sobre a importância do lúdico, jogos e brincadeiras, no ensino de conteúdos matemáticos e sua eficácia no desenvolvimento cognitivo das crianças.

### **Conhecendo sobre a unidade escolar Escola Municipal Professora Ivanira Moreira Junglos**

A escola que nos serve de espaço para realização desse trabalho é a Escola Municipal Prof.<sup>a</sup>Ivanira Moreira Junglos, situada na Rua Luiz Aldori Neves Fernandes, 823 setor Leste no município de Colíder – Estado de Mato Grosso inscrito no CNPJ 01.922.885/0001-49, tem sua organização administrativa, didática, técnica e disciplinar regida pelo presente Regimento Escolar, nos termos da legislação pertinente e dos dispositivos normativos do Sistema Estadual de Ensino de Mato Grosso.

A instituição escolar mantém as etapas da Educação Infantil e o Ensino Fundamental considerando as seguintes organizações: Educação Infantil (Pré-Escola de 04 anos); Educação Infantil (Pré Escola de 05 anos) e Ensino Fundamental nove anos com alunos de 06 as 14 anos de idade no (1º ao 9º ano), está localizada no lote nº 1, Quadra nº 32 coordenadas geográfica latitude - 10,813107 longitude -55,451608 e possui uma área de 8.270 m<sup>2</sup>, com 2.769,08m<sup>2</sup> de construção.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Olivette Rufino Prado. Reelaborando conceitos e ressignificando a prática na educação infantil. Natal, 2006. Disponível em:<<ftp://ftp.ufrn.br/pub/biblioteca/ext/bdtd/OlivetteRBPA.pdf>> Acesso em: 21 jun. 2017.

ALMEIDA, P. N. Educação lúdica: prazer de estudar, técnicas e jogos pedagógicos. 9.ed. São Paulo: Loyola, 1997.

ANTUNES, Celso. Educação Infantil: prioridade Imprescindível. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BORIN, J. Jogos e resolução de problemas: uma estratégia para as aulas de matemática. 3. ed. São Paulo: IME/USP, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília, DF: MEC, 2001.

\_\_\_\_\_.Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental.Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Brasília/D.F, 1998a.

BRENELLI, R.P. O Jogo como espaço para pensar: a construção de noções lógicas e aritméticas.Campinas: Papirus, 1996.

- BROUGÈRE, Gilles. Jogo e educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- CAMPOS, Gleisy; LIMA, Lilian. (orgs.) Por dentro da educação infantil: a criança em foco. Rio de Janeiro: Wak, 2010.
- CARDOZZO, S. T. D.; VIEIRA, M. L. A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. Rev. Pepsic, v.7 n.1 Rio de Janeiro, jun. 2007.
- CARNEIRO, Maria Ângela B. O jogo e suas diferentes concepções. Revista Psicopedagógica. 15(37), São Paulo, SP: 1996.
- CARRAHER, T.; CARRAHER, D.; SCHLIEMANN, A. Na vida dez, na escola zero. 14. Ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- CUNHA, N. H. Da S. A brinquedoteca brasileira. In: Santos, S. M. P. dos (Org). Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos. 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 13-22.
- D'Ambrósio, U. (1990) Etnomatemática: arte ou Técnica de Explicar ou Conhecer. São Paulo: Editora Ática.
- DANTAS, H. Brincar e trabalhar. In: KISHIMOTO; T. M. (Org.). O brincar e suas teorias. São Paulo: Pioneira-Thomson Learning, 2002.
- DEMO, P. Educar pela pesquisa. 5 ed. Campinas: Autores Associados, 2002.
- DUARTE, Cátia Alexandra. O Papel do Lúdico na Aprendizagem Matemática. 2011. Disponível em:  
<[repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5846/1/ulfpie039855\\_tm.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5846/1/ulfpie039855_tm.pdf)> Acesso em: 14 set. 2017.
- FIORENTINI, D.; LORENZATO, Sérgio. Investigação em Educação Matemática: percursos teóricos e metodológicos. Campinas: Autores Associados, 2006.
- FLEMMING, Diva Marília; Mello, Ana Cláudia Collaço. Criatividade e jogos didáticos. São José: Saint Germain, 2003.
- FREIRE, J. B. O jogo: entre o risco e o choro. Campinas: Autores associados, 2002.
- FRIEDMANN, A. A Evolução do brincar. 1998. Disponível em:  
<<https://atividart.files.wordpress.com/2016/05/a-evolucao-do-brincar.pdf>> Acesso em: 20 jun. 2017.
- GARDNER, Howard. Inteligências Múltiplas: a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GHELLI, Kelma Gomes Mendonça. SANTOS, Anderson Oramisio. OLIVEIRA, Guilherme Saramago de. Investigações matemáticas: fundamentos teóricos para aprendizagem matemática nas séries iniciais do ensino fundamental. 2015.

Disponível em:

<<https://www.uniube.br/eventos/epeduc/2015/completos/05.pdf> > Acessado em: 20 set. 2017. GOLEMAN, Daniel. Inteligência Emocional. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

HORN, Maria da Graça Souza. Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KISHIMOTO, T. M. Jogo, brinquedo, brincadeira e educação. São Paulo: Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_. Jogo, brinquedo e a educação. 11 ed. São Paulo, SP: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. Diferentes tipos de brinquedoteca. In: Friedmann, A. O direito de brincar: a Brinquedoteca. 4. ed. São Paulo: Abrinq, 1998.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida a Márcia T. de Borja Ramalho. Florianópolis, 23 set. 1999.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de Andrade. Fundamentos de metodologia. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

LARA, Isabel Cristina Machado de. Jogando com a Matemática. São Paulo: Rêspel, 2003.

LIBÂNEO, J. C. Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1985.

MEC - Ministério da Educação - Secretaria de Educação Fundamental - PCN's: Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

MUZZI, M. Etnomatemática, Modelagem e Matemática Crítica: novos caminhos. In: Presença Pedagógica, v. 10, n. 56, mar./abr. 2004.

NEGRINE, A. Brinquedoteca: teoria e prática. In: Santos, S. M. P. dos. Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

OLIVEIRA, Alessandra dos Santos. LEUNGO, Fabiola Colombani. BARROS, Flávia Cristina Oliveira Murbach de. Brinquedoteca: proporcionando reflexões sob três experiências significativas (2007). Disponível em: <http://www.unioeste.br/travessias/artigos/educacao/pdfs/BRINQUEDOTECA.pdf> Acesso em: 21 jun. 2017.

PAROLIN, I.G.H. e SALVADOR, L.H. S (2002). "Odeio matemática: Um olhar psicopedagógico para o ensino da matemática e suas articulações sociais". Psicopedagogia, 19(59), pp. 31-42.

RAMALHO, M. T. de B. A brinquedoteca e o desenvolvimento infantil. 2000. 140f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

RAMALHO, Márcia Regina Borja; SILVA, Chirley Cristiane Mineiro da. A Brinquedoteca. Rev. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, v. 8/9, p. 27, 2003/2004.

ROSADA, Adriane Michele Costa. A importância dos jogos na educação matemática no Ensino fundamental. 2012. Disponível em: <> Acesso em: 14 set. 2017.

SANTOS, S. Atividades lúdicas. In: \_\_\_\_\_ (Org). O lúdico na formação do educador. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

SANTOS, Santa Marli Pires. Espaços Lúdicos – brinquedoteca. In: SANTOS, Santa Marli Pires. Brinquedoteca – a criança, o adulto e o lúdico. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SANTOS, S. M. P. Brinquedoteca: sucata vira brinquedo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. 96p.

SANTOS, Élia Amaral do Carmo. JESUS, Basiliano do Carmo de. O lúdico no processo ensino-aprendizagem. 2010. Disponível em: <need.unemat.br/4\_forum/artigos/elia.pdf> Acessado em: 25 set. 2017.

SOLE, M. de B. O jogo infantil: organização das ludotecas. Lisboa: Instituto de Apoio à Criança, 1992.

SMOLE, Kátia Stocco; DINIZ, Maria Ingnês; CANDIDO, Patrícia. Cadernos do Mathema - Jogos de Matemática de 6º a 9º ano. Porto Alegre, RS: Artmed Editora, 2007.

TOLEDO, M. TOLEDO, M. Didática da matemática: como dois e dois: a construção da matemática. São Paulo: FTD, 1999.

VARRIALE, Maria Cristina. TREVISAN, Vilmar. Novos Conteúdos e Novas Abordagens. IN: A Matemática na escola: novos conteúdos, novas abordagens / organizadoras Elisabete Zardo Búrigo. [et al.]. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

ZABALZA, Miguel A. Qualidade em Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 1998.

## **APÊNDICES**

## Entrevista

<b>Prof<sup>a</sup></b>	<b>1) Em sua opinião o lúdico traz benefícios para o aluno? Quais?</b>	<b>2) E para o professor quais resultados são alcançados?</b>
<b>P1</b>		
<b>P2</b>		
<b>P3</b>		
<b>P4</b>		
<b>P5</b>		

<b>Prof<sup>a</sup></b>	<b>3) Em sua opinião os jogos e brincadeiras sobre matemática ajudam o aluno a aprender melhor sobre o conteúdo?</b>	<b>4) O aluno tem maior facilidade em associar os jogos e brincadeiras matemáticos com o conteúdo proposto?</b>

<b>P1</b>		
<b>P2</b>		
<b>P3</b>		
<b>P4</b>		
<b>P5</b>		

<b>Profª</b>	<b>5) Você utiliza os jogos e brincadeiras matemático em sua aula?</b>	<b>6) Os resultados referentes à aprendizagem do aluno são positivos?</b>
<b>P1</b>		
<b>P2</b>		
<b>P3</b>		
<b>P4</b>		
<b>P5</b>		



**ISBN 978-65-87333-09-0**